

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

MANIFESTO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

— DC —

PRIMEIRO

CONGRESSO

— DA —

**Contra a Carestia e pela Paz!
A Organização Feminina de Uberlândia
1946 – 1956**

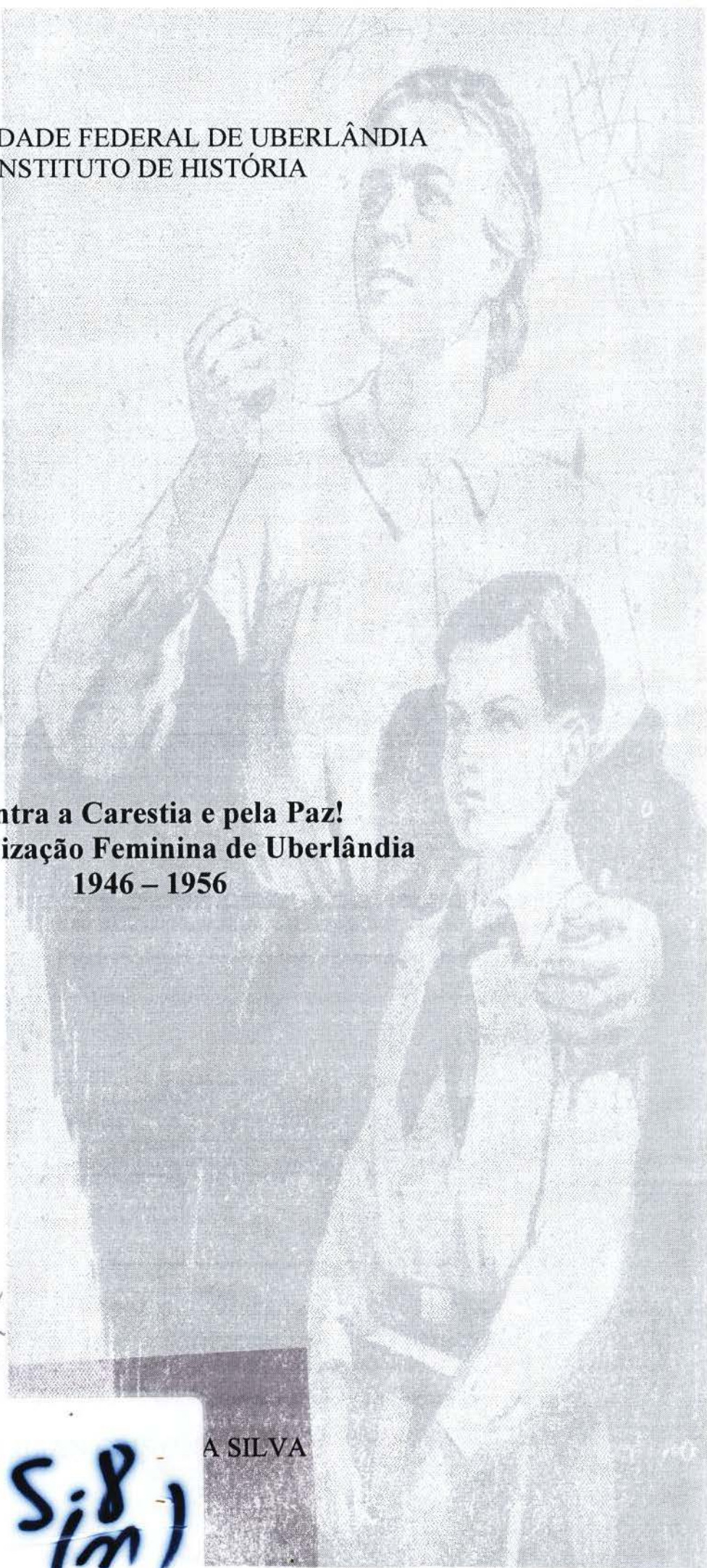
Organização
Feminina de
Uberlândia

contra a

CARESTIA e pela

2264 518
3445

A SILVA



LÍLIAN CRISTINA SILVA

Contra a Carestia e pela Paz!
A Organização Feminina de Uberlândia
1946 – 1956

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em História, sob a orientação da Profa. Dra. Vera Lúcia Puga.

Uberlândia, Agosto de 2007.

LÍLIAN CRISTINA SILVA

Contra a Carestia e pela Paz!
Organização Feminina de Uberlândia
1946 – 1956

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Vera Lucia Puga

Profa. Dra. Jane de Fátima Silva Rodrigues

Profa. Ms. Dulcina

*Para os meus pais, Sebastião e Lurdes, e irmãos,
Rogério e Renato que sempre me incentivaram e apoiaram.*

Agradecimentos

À minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Vera Puga, pela paciência e carinho com que sempre me atendeu.

Aos funcionários do CDHIS pelos dois anos de experiência compartilhada em meio aos arquivos da instituição.

À querida amiga Elisângela pelo carinho durante esses cinco anos de convivência e trocas de experiência, pela sua inestimável compreensão e ajuda.

Às amigas Amanda e Luciana que me “suportaram” nesses últimos tempos, lendo e palpitando sempre que chamadas.

A todos que direta e indiretamente contribuíram para a realização desse trabalho.

Sumário

Resumo	7
Introdução	8
Capítulo I	
O Movimento em Formação	
1.1 – Uberlândia “A pequena Moscou brasileira”	14
1.2 – A Organização Feminina de Uberlândia	20
Capítulo II	
Contra a carestia e pela Paz! As mulheres estão nas ruas	32
Considerações Finais	46
Fontes	49
Bibliografia	50

Resumo

Este trabalho tem por objetivo apresentar a Organização Feminina de Uberlândia a partir da ótica dos Processos Criminais, seguindo seu discurso buscamos em meio aos depoimentos dos envolvidos – vítimas, acusados, testemunhas e polícia – perceber a articulação e desarticulação desse movimento. Evidenciando assim a União inserida no contexto social e político da cidade de Uberlândia durante seu período de funcionamento, entre 1946 – 1956.

Nesse sentido, constitui-se minha intenção investigar a relação desenvolvida entre a Organização Feminina, a imprensa local, o poder público e a cidade, apresentando os espaços freqüentados por essas mulheres. As mulheres estão nas ruas e não sairão mais. O processo de ocupação do espaço público, seu espaço, está em curso e vem elaborando e reelaborando os caminhos a percorrer. Incorporando assim as conquistas, aprendendo com os erros, avançando e retrocedendo sempre que necessário o que é característico de qualquer processo histórico, em suma percebendo-o em suas contradições.

Introdução

O feminismo pode ser entendido como um movimento de caráter social que interfere na política, cultura e nas relações com a sociedade. O movimento feminino/feminista remonta ao século XIX, quando as mulheres reivindicavam, inicialmente, o voto, a igualdade no casamento e o acesso às profissões, entre outras reivindicações, no entanto, é no início do século XX que elas ganham maior visibilidade através da luta pelos direitos civis, a busca por cidadania, que tinha como carro chefe o sufrágio universal.

A conquista do espaço público é longa, gradual e ainda em curso evidenciando as próprias contradições e preconceitos vividos pelas mulheres no âmbito privado. O mito do sexo frágil, que sempre acompanhou as mulheres, fica distante à medida que ela passa a ocupar cada vez mais espaço no mercado de trabalho, desempenhando tarefas antes destinadas apenas aos homens. As mulheres do início do século XX são vistas de forma difusa, um misto de fragilidade e força que luta para definir um novo modo de viver¹.

*Durante o fim do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, o crescente processo de urbanização e industrialização provocou mudanças significativas nas estruturas econômicas, sociais e políticas da sociedade brasileira.*²

Junto com as transformações políticas, econômicas e sociais vem a mudança de pensamento e a História não ignora esses novos caminhos, já no século XX, 1929, surge a Escola dos Annales ou Movimento dos Annales³ abrindo espaço para a evidência de sujeitos sociais, antes relegados a segundo plano. Nessa perspectiva as mulheres ganham espaço na *nova* historiografia que proporciona *novos* questionamentos, *novas* temáticas e temas que revelam seu cotidiano e relações, trazendo outras problemáticas e caminhos para pesquisa. Entre as décadas de 1960 e 1980, a história das mulheres e a

¹ MENDEZ, Natalia Pietra. **Do lar para as ruas: capitalismo, trabalho e feminismo**. Disponível em www.fee.rs.gov.br.

² MENDEZ, Idem.

³ Peter Burke, em A Escola dos Annales 1929 – 1989 – A Revolução Francesa da Historiografia, afirma que a mais importante contribuição desse grupo, incluindo-se as três gerações, foi a possibilidade de expansão do campo da história para várias áreas, incluindo grupos sociais negligenciados pelos historiadores tradicionais, promovendo novas fontes e desenvolvendo novos métodos de pesquisa.

utilização de conceitos como o de gênero e *misoginia*⁴ surgem auxiliando o pesquisador desta temática a trabalhar as relações e as construções culturais dos homens e das mulheres.

*As mudanças de paradigmas nortearam o interesse dos estudos históricos para o cotidiano da vida privada e para os pequenos fatos do cotidiano. O feminismo, por sua vez, revigorado teoricamente, tornou-se um agenciador da história das mulheres, para o qual é de maior interesse o exemplo daquelas que, mesmo em face dos obstáculos remanescentes do longo período de hegemonia patriarcal, tornam-se elas próprias artífices de uma imagem identitária que lhes assegura um lugar legitimado e reconhecido na ordem pública*⁵.

As contribuições da História Social, das Mentalidades e da História Cultural devem sempre ser lembradas, pois nas palavras de Rachel Soihet, deram uma contribuição decisiva no processo de elevação das mulheres como sujeito e objeto da História. No processo de formação o feminismo assumiu e criou uma identidade coletiva de mulheres, indo de encontro a um interesse compartilhado pelo fim da subordinação, da invisibilidade social e da impotência, ganhando assim um maior controle sobre seus corpos e sobre suas vidas⁶.

Ao trabalharmos com a História das Mulheres não podemos nos permitir cair em um dualismo o que oporia homens e mulheres, como se estivessem em campos separados, isolados. Devemos entender que a compreensão de qualquer um dos dois não pode existir sem o entendimento das relações construídas entre eles, não devemos, portanto fazer uma substituição de determinadores da História, como por exemplo, tirar o homem de cena e colocar a mulher. Por isso o conceito de gênero vem nos ajudar a desvendar as relações de poder que permeiam a sociedade, ajudando a desvendar sujeitos não evidenciados na historiografia oficial.

Na metade da década de 1940 o mundo passa por um momento ímpar, o final da Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945), e o início de um novo tipo de embate, não

⁴ Desde a década de 1970, gênero tem sido o termo usado para teorizar a questão da diferença sexual, hoje trabalhando junto à dualidade dos sexos as relações entre homens e mulheres incorporados à dimensão das relações de poder, atualmente também articulada à classe e raça/etnia. Além das relações Homem e Mulher o conceito relacional de gênero abrange também o trabalhar as diferenças entre homens e homens e mulheres e mulheres.

⁵ VIANNA, Lucia Helena. *Tinta e sangue: o diário de Frida Kahlo e os 'quadros' de Clarice Lispector*. Revista Estudos Feministas, vol. 11, nº. 1. Florianópolis, jan/jun de 2003.

⁶ SOIHET, Rachel. História das mulheres e relações de gênero: debatendo algumas questões. www.comciencia.br. Acesso em 01/06/2007.

armado, mas ideológico. As duas grandes potências que saem vitoriosas do conflito, Estados Unidos e União Soviética, imprimem a seus aliados sua política, o capitalismo, representado pelo primeiro, e o socialismo, pelo segundo, disputam a influência sobre outros países.

No Brasil o término da guerra traz também uma mudança no regime político interno, o país que até então vivia em uma ditadura, o Estado Novo (1937 -1945) com Getúlio Vargas no poder, inicia o processo de redemocratização, abrindo espaço para os partidos políticos, inclusive para o Partido Comunista. O General Eurico Gaspar Dutra é eleito presidente da República (1946 – 1951) e promove uma maior aproximação com os Estados Unidos. A “caça” aos comunistas se intensifica nos países sob a influência dos norte americanos e o Partido Comunista Brasileiro volta à ilegalidade após um breve período de atuação legal. Cada vez mais liberal na forma e autoritário no conteúdo, o governo Dutra, vê a necessidade de controlar os movimentos sindicais, feministas entre outros⁷.

As dificuldades vivenciadas pela sociedade, como o preço elevado e o racionamento de alguns alimentos, levaram a uma maior aproximação de pessoas e setores da comunidade o que contribuiu para a formação de núcleos que reivindicavam melhorias comuns. A luta contra a carestia de vida, a não participação na Guerra da Coreia⁸ e outros levaram a agremiação de mulheres em torno de objetivos únicos. Organizadas, as mulheres, constituíram-se em força e faziam suas vozes serem ouvidas através de um uníssono em defesa de seus direitos e dos objetivos almejados.

Pensar a história das mulheres dentro ou fora de um movimento organizado é visualizá-la como participante, integrante e autora dos acontecimentos e transformações de seu tempo. É perceber que suas atividades são políticas, e que, portanto, suas ações e reações também provocam mudanças na sociedade. Analisar as mulheres é evidenciar

⁷ MACEDO, Elza Dely Veloso. *Ordem na Casa e Vamos à Luta! Movimento de Mulheres: Rio de Janeiro 1945-1964. Lydia da Cunha – uma militante*. Universidade Federal Fluminense, Tese de Doutorado.

⁸ Travou-se entre 25 de Junho de 1950 e 27 de Julho de 1953, opondo a Coreia do Sul e seus aliados, que incluíam os Estados Unidos da América e o Reino Unido, à Coreia do Norte, apoiada pela República Popular da China e pela antiga União Soviética. O resultado foi a manutenção da divisão da península da Coreia em dois países, que perdura até aos dias de hoje. <http://pt.wikipedia.org>, acesso em 22/06/2007.

sua participação na definição das relações de poder, nas práticas e estratégias utilizadas para serem ouvidas, contestando, mantendo e criando sistemas políticos.⁹

Quando organizadas as mulheres compartilham muito mais do que apenas um espaço de confraternização e reunião, a união feminina se caracteriza em atividades políticas que influenciam o cotidiano de suas integrantes e da sociedade a sua volta, tecendo assim suas próprias histórias em meio a permanências, resistências e mudanças. Suas lutas, conquistas ou mesmo omissões influem nas modificações e continuidades do todo, pois elas não estão alheias ao sistema e sim entranhadas nele. Se entendermos que as mulheres são agentes e não coadjuvantes do processo histórico, se torna possível então, analisar não só sua participação, mas acima de tudo sua contribuição para a formação e transformação da sociedade.

Uberlândia, que recebeu esse nome em **1929**, antiga São Pedro de Uberabinha, tem hoje mais de 600 mil habitantes e está localizada no interior de Minas Gerais, na região denominada como Triângulo Mineiro, nascida em 1891, a cidade abriga histórias interessantes e *personagens ilustres*, como o projeto de transformação da região em um estado independente do mineiro que teria a cidade como capital, e personagens conhecidos por todo o Brasil, como Grande Otelo.

O município de Uberlândia, segundo portal oficial da cidade, hoje se destaca por sua vocação para o turismo de negócios. A estrutura e a posição geográfica são utilizadas como pontos de destaque sobre o município, tal qual no final da década de 1940 quando alardeava sua posição privilegiada para entreposto comercial. A proximidade aos grandes centros do país, como: São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Goiânia e Brasília são utilizados como diferenciais de desenvolvimento da cidade.

Através da interdição de um Congresso Feminino em 1951, relatada em dois processos criminais constantes do acervo do CDHIS (Centro de Documentação e Pesquisa em História), Grupo de Trabalho sobre a Violência¹⁰, a Organização Feminina

⁹ SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: Burke, Peter (org). **A Escrita da História**. UNESP, 1992.

¹⁰ O projeto GT Violência, iniciado em 1998, sob a coordenação da professora Vera Lúcia Puga, propõe a disponibilização do acervo de Processos Criminais aos interessados em desenvolver trabalhos, artigos e outros, ancorados nesta fonte de pesquisa. O acervo é composto, por processos e investigações policiais da cidade de Uberlândia, do final do século XIX até 1985 e encontra-se em processo de organização, mas já com disponibilidade para o desenvolvimento de pesquisas. Durante o segundo semestre de 2002 e o

de Uberlândia emergiu como tema deste trabalho. Esse movimento que esteve presente na cidade de Uberlândia entre 1946 e 1956, enquanto união de mulheres organizadas reivindicava melhores condições sociais que atendessem as necessidades das mulheres – que não estavam mais restritas ao mundo privado já faziam parte, e mais, se viam presentes, no espaço público¹¹.

Partindo deste movimento é possível pensar as relações das mulheres com a política, com a sociedade, o cotidiano e suas experiências perpassando a Organização Feminina de Uberlândia e suas atividades enquanto movimento organizado. A presença das mulheres na esfera pública reunidas sob a perspectiva de uma luta por melhorias sociais e ligadas à paz não exclui sua atuação política e de forma mais específica intensifica a relação mulheres - sociedade - política.

O objetivo deste trabalho é pensar a Organização Feminina inserida no contexto social da cidade de Uberlândia entre 1946 – 1956, recuperando a memória e dando voz ao movimento feminino, através das relações sociais construídas entre a organização e a comunidade da qual faz parte. O período foi escolhido devido às declarações de Dona Olívia Calábria que coloca a formação da União Feminina em 1946 e seu término em meados de 1956, quando também encontramos uma última reivindicação constante da Ata da Câmara Municipal de Uberlândia desse mesmo ano, reivindicando que a Organização fosse reconhecida como movimento de utilidade pública.

Para melhor estruturar e apresentar o trabalho que compõe esta monografia, o texto será dividido em dois capítulos. O primeiro capítulo, **O Movimento em Formação**, constará com dois subtítulos, **1.1 Uberlândia – A “pequena Moscou brasileira”**, destinado a uma apresentação da evolução dos movimentos femininos e de sua relação com a sociedade, além de perceber a comunidade uberlandense do final da década de 1940 até meados da década de 1950. Como ela elabora e incorpora as transformações sociais presentes não só no Brasil como no mundo. O discurso progressista como é tratado pela imprensa e os movimentos sociais como são evidenciados e quais são perante a comunidade.

primeiro de 2005 estive diretamente envolvida no trabalho de organização, limpeza e catalogação do acervo. Foi em contato com estes documentos que surgiu o trabalho que agora apresento.

¹¹ MACEDO, Idem.

O subtítulo, **1.2 A Organização Feminina de Uberlândia**, busca evidenciar o Movimento Feminino na cidade e sua ligação com Partido Comunista local, quem participa quais suas propostas e reivindicações. Algumas questões se delineiam: - Como é tratada pela imprensa e pela sociedade? - Quais suas propostas sociais e políticas? - Por que se dizem apolíticas se o discurso é político? - Onde e por que reúnem? - Estão ligadas ao movimento feminista brasileiro? - Por que se intitulam femininas e não feministas? - Por que o movimento em Uberlândia arrefece na década de 1950? - Onde estão suas líderes? - Como as mulheres são tratadas, e qual papel destinam a elas, na família e na comunidade? - Como a imprensa noticia as reivindicações femininas, e como a sociedade reage aos movimentos femininos e a ocupação do espaço público produzido por eles?

São vários questionamentos, felizmente, não será possível sanar todos, mas tentaremos, à medida que o trabalho se desenrola chamar a atenção e analisar algumas dessas colocações. Para tanto nos apoiaremos em uma entrevista, concedida por D. Olívia Calábria, integrante e uma das fundadoras do movimento, concedida em 2002.

Através de reportagens veiculadas pelo Jornal Correio¹², circulante a época tratada neste trabalho, tentar captar o discurso dominante e as tentativas dessas mulheres, às vezes, mal sucedidas, de burlar ou lutar contra a realidade vivenciada.

O segundo capítulo, **Contra a carestia e pela paz! – As mulheres estão nas ruas**, tentará trazer a perseguição contra a Organização Feminina de Uberlândia e a violência com que é tratada, especialmente pela polícia, representada pela interdição do Congresso Feminino de 1951. Por que a polícia intervém e prende suas líderes, por que homens são presos junto, qual sua participação. A violência era destinada ao movimento em si ou ao que ele representava? Utilizaremos como base de partida para essa discussão dois Processos Criminais envolvendo integrantes e simpatizantes da organização, por ocasião da interdição do Congresso.

¹² Não trataremos de outros jornais, como O Triângulo, que também circulava na época estudada, devido à disponibilidade do pesquisador, ficando assim para os próximos pesquisadores do tema a tarefa de trazer a tona outros olhares e fontes sobre a temática, ou quando eu mesma reiniciar a pesquisa, possivelmente para o mestrado.

I – O Movimento em Formação

1.1 – Uberlândia “A pequena Moscou brasileira”

*Voltando para Uberlândia (a pequena Moscou, como era chamada minha cidade), participei de um movimento regional de grande intensidade na organização junto às mulheres, este trabalho se estendia a inúmeras cidades, o que resultou em trabalhos juntos às maiores figuras do PCB.*¹³

A cidade de Uberlândia¹⁴ construiu sua história baseada na vocação de entreposto comercial e no desejo incontestado de desenvolvimento. A disposição para o comércio dá o tom progressista, que é uma verdadeira obsessão das classes dirigentes, a região que buscava se consolidar como um pólo regional de distribuição de mercadorias, funcionando como um catalisador da produção e um conseqüente distribuidor de produtos ganham na década de 1950 um projeto de urbanização¹⁵. Na década de 1940, dentro do projeto federal de expansão e ocupação do interior, Uberlândia, pela sua posição geográfica, passa a receber mais atenção a ponto de se transformar na base da grande expedição “Roncador-Xingu” ou Marcha para o Oeste.¹⁶

¹³ Informativo do I Congresso Nacional de Mulheres do PPS 23 e 24 de março de 2006. Belo Horizonte / MG. Olívia Calábria (1914 – 2005) – Biografada por ela mesma.

¹⁴ Sobre a cidade de Uberlândia ver: MACHADO, M C Tomaz. *Cultura popular e desenvolvimento em Minas Gerais: caminhos cruzados de um mesmo tempo (1950 – 1985)*. São Paulo, 1998. ; LOPES, Valéria M. Q. C. *Caminhos e trilhas: transformações e apropriações da cidade de Uberlândia (1950 / 1980)*. Uberlândia, 2002. ; NUNES, Leandro J. *Cidade e imagens: progresso, trabalho e quebra-quebras – Uberlândia – 1950/1960*. São Paulo, 1993. ; DANTAS, Sandra Mara. *Veredas do Progresso em tons altissonantes – Uberlândia (1900 / 1950)*. Uberlândia, UFU. 2001. ; SILVA, Idalice Ribeiro. *Flores do Mal na Cidade Jardim: Comunismo e Anticomunismo em Uberlândia*. ; ALEM, João Marcos. “Representações coletivas e história política em Uberlândia.” In: *Revista História e Perspectivas*. nº. 4: Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, jan/jun.1991; ALMEIDA, Maria de Fátima Ramos de. *Uberlândia operária? Uma abordagem sobre as relações sociais em Uberlândia 1950 - 1964*. Campinas: UNICAMP, 1992. ; OLIVEIRA, Selmane Felipe. *Crescimento Urbano e Ideologia Burguesa*. Rio de Janeiro: UFF, 1992. ; RODRIGUES, Jane de Fátima. *Trabalho, ordem e progresso: uma discussão sobre a trajetória da classe trabalhadora uberlandense - o setor de serviços - 1924 - 1964*. São Paulo: USP, 1989. ; SOARES, Beatriz Ribeiro. *Uberlândia: da Cidade Jardim ao Portal do Cerrado - Imagens e Representações no Triângulo Mineiro*. São Paulo: USP, 1995.

¹⁵ LOPES, Valéria M. Q. C. *Caminhos e trilhas: transformações e apropriações da cidade de Uberlândia (1950 / 1980)*. (Dissertação de Mestrado) Espaços Públicos Teses. Uberlândia, 2002.

¹⁶ MACHADO, M C Tomaz. *Cultura popular e desenvolvimento em Minas Gerais: caminhos cruzados de um mesmo tempo (1950 – 1985)*. Teses Cultura Popular. São Paulo, 1998.

A abertura de estradas, interligando a região do Triângulo Mineiro a Goiás e Mato Grosso, concorreu, de certa forma, para determinar a posição estratégica de Uberlândia como pólo comercial. A construção de Brasília¹⁷ que na segunda metade de 1950, fará da região de Uberlândia *ponto obrigatório de entrecruzamento do Sul, Norte e Nordeste com o Centro Oeste do país*. Investimentos federais passam a ser canalizados para Uberlândia como forma de viabilização da integração nacional, contida no projeto desenvolvimentista do governo JK¹⁸.

A capacidade das lideranças políticas de Uberlândia de se organizarem, em prol de um objetivo e de levar a sociedade a compartilhar dos mesmos, não pode ser deixada de lado ou minimizada pela posição geográfica do município, pois outras cidades próximas, como Araguari e Uberaba, também gozavam desse “diferencial”. *O progresso se dá também pela capacidade da classe dominante em articular e pôr em prática todo um discurso político do progresso e da ordem.*¹⁹

Para entrar na nova dinâmica das relações econômicas e sociais, Uberlândia que vem tentando construir, ou se identificar com uma cultura, ou podemos dizer um objetivo de desenvolvimento, defendido pelas lideranças políticas da cidade – e que é incorporado pelos meios de comunicação e pela sociedade - necessita afirmar e reafirmar sua aptidão para o crescimento e desenvolvimento, o que se torna uma constante no dia a dia da cidade. O município tenta se mostrar organizado e pronto ou mesmo em desenvolvimento acelerado, é o que nos mostra a manchete do Jornal Correio de Uberlândia de 1948 que estampa: *Uberlândia cidade do trabalho, da paz e do progresso.*

Uberlândia é uma cidade privilegiada. Seu destino é crescer sempre, que do labor de sua operosa população, aliado a uma insuperável posição geográfica, resultou a mais próspera de todas as cidades do interior do Brasil.

¹⁷ A determinação desenvolvimentista do governo Juscelino Kubitschek (1956-1961), que tinha em seu "Plano de Metas", para ser cumprido em quatro anos, como maior realização a construção da nova capital brasileira, Brasília, repercutiu não só na economia do país como também em áreas como a urbanização e o urbanismo. A burguesia industrial reforça a cultura urbana à medida que passa a concentrar o poder político e a iniciativa econômica. Enquanto a população brasileira, na década de 1950, cresceu 3,16%, o crescimento urbano atingiu 7,38%. Esta hegemonia da cidade sobre o campo refletiu-se no conjunto da rede urbana brasileira. A distribuição espacial e funcional deste crescimento produziu um quadro urbano no qual São Paulo emergiu como a metrópole nacional. www.mre.gov.br

¹⁸ MACHADO, M C Tomaz. Idem. Ibidem.

¹⁹ MACHADO, M C Tomaz. Idem. Ibidem.

*Pela população, pela importância econômica, é Uberlândia um dos principais centros do país, que a cooperação nossa para a prosperidade regional é quase ímpar.*²⁰

A cidade se orgulhava e proclamava uma *vocação ordeira e pacata* que muitas vezes foi quebrada ao ver-se envolvida em distúrbios sociais, provocados por indivíduos e organizações, que chamam a atenção para os problemas locais, contradizendo assim o discurso vigente de que essa ordem e progresso atingiam a todos. Alguns movimentos organizados como os dos choferes e das mulheres estão presentes reivindicando e tentando fazerem-se ouvidos pela sociedade. O movimento feminino em Uberlândia tem como principal expoente, quando lidamos com o embate político, a Organização Feminina, sabidamente ligada ao Partido Comunista.

Recém criado em 1945 o Partido Comunista local, apesar de angariar uma quantidade expressiva de componentes não ganha o mesmo destaque do também jovem Partido Social Democrático. Esse goza de grande destaque nas manchetes do Jornal Correio de Uberlândia, enquanto o outro é relegado a última página do periódico.

*Do Comitê Municipal local, recebemos o seguinte comunicado:
Uberlândia, 29 de julho de 1945.*

*Ao 'Correio de Uberlândia' – Uberlândia
Temos o prazer de convidá-lo para a solenidade de instalação da sede do Comitê de Zona e Municipal do Partido Comunista do Brasil em Uberlândia, às 20 horas do dia 12 de agosto vindouro na Avenida Afonso Pena, 267.*

Saudações democráticas

Nelson Cupertino – Secretario do Comitê de Zona

*Roberto Margonari – Secretario do Comitê Municipal.*²¹

O convite para a instalação do Partido local é uma pequena nota sem destaque ou chamada, no pé da página número quatro do jornal, o que nos indica uma, certa obrigação, da imprensa, em relatar os acontecimentos políticos da cidade, uma vez que o Partido Comunista havia saído da clandestinidade. Nesse momento não há preocupação em dar voz a esse Partido, pela própria orientação política do periódico, nos anos seguintes as atividades “subversivas” e os rumos tomados por ele ocupam boa parte das primeiras páginas em várias edições do Jornal Correio.

²⁰ Jornal Correio de Uberlândia, 04/05/1948. Ano XI, nº. 2303, p. 01.

²¹ Jornal Correio de Uberlândia, 07/08/1945. Ano IX, nº. 1710, p. 04.

Mesmo tentando manter o discurso de cidade apta ao crescimento, o que realmente acontece a partir da década de 1950, sendo quase metade destes residentes na zona rural, quer seja em população ou nos números industriais. Uberlândia, que em 1948 contava com uma população de 61.000 habitantes não consegue esconder suas imperfeições e contradições, marcadas pelas disputas sociais e divergências de pensamento, muitas vezes associados à atuação comunista na cidade.

*Onde um desentendimento se verifica, onde um desajustamento se constata, cada vez que as naturais imperfeições da sociedade humana afloram, aí está o Partido Comunista para explorar, para agitar e para mais fundo cavar na discórdia.*²²

A cidade foi tratada em alguns momentos como a “pequena Moscou brasileira”, devido a marcante presença do Partido Comunista na cidade, um foco de atividades comunistas dos anos 1930. Dentro de tantos auto-adjetivos que a cidade se dava – Cidade Jardim, Nova York do Centro Oeste, Metrópole Regional, Cidade Pólo e por último e não muito distante de nós Portal do Cerrado –, essa denominação acaba se tornando uma verdadeira mancha na “tradição” ordeira e pacata da cidade, uma ferida na imagem idealizada pelas elites. Um verdadeiro afronte a tudo o que ela tentava representar ou ser²³.

O DEOPS (Delegacia de Ordem Político Social) com sede no Rio de Janeiro, segundo pesquisas de Silva²⁴, faz uma vigilância constante não apenas na cidade de Uberlândia, mas também em todo o Triângulo Mineiro. Os documentos descritos levantam a preocupação das autoridades com a região vista como um foco de resistência comunista.

Política e Políticos

Ruy Braz

A cidade anda empolgada, nos últimos dias com o fragor das tempestades políticas.

A pasmaceira em que estivemos nesses dois últimos anos começa a ser sacudida. A luta travada, na Câmara Municipal, entre populistas

²² Processo Criminal, nº. 9977, p. 32.

²³ DANTAS, Sandra Mara. Capítulo I. 1.3 - A Elegância do Discurso. In: *Veredas do Progresso em tons altissonantes – Uberlândia (1900 / 1950)*. Uberlândia, UFU. 2001. Dissertação de Mestrado. p. 50.

²⁴ SILVA, Idalice Ribeiro. *Flores do Mal na Cidade Jardim: Comunismo e Anticomunismo em Uberlândia*.

*e comunistas, agitou as camadas sociais e alertou os partidos para o perigo dos extremismos.*²⁵

Os embates políticos ganham ressonância nas atividades das mulheres que comparecem nas sessões da Câmara Municipal de Uberlândia, um movimento, aliás, que pode ser também verificado na então capital federal, Rio de Janeiro. Irradiador de cultura e transformações o centro político brasileiro também arregimenta através da Federação de Mulheres, que ganha seu estatuto jurídico em 1949, os embriões das ligas e uniões femininas do país²⁶.

As mulheres vêm flertando com a política desde as campanhas pelo sufrágio universal, o Partido Comunista tenha talvez o mérito de ter reunido-as em torno de um objetivo político, mas que ainda carrega em si a preservação da família, que acompanha os movimentos femininos, mesmo os mais politizados.

A mobilização das mulheres aparece como parte do projeto político partidário do PCB desde a década de 1930, no entanto na era Vargas essa mobilização fica reprimida. Na década de 1940, mais ao final dela, com a abertura política esse movimento começa a ganhar novo espaço, especialmente com as Campanhas pela Anistia. As mulheres voltam então a ocupar o espaço e gradualmente se fazem presentes nas diversas atividades sociais, buscando o reconhecimento de sua individualidade através dessa luta²⁷.

Com a Revolução Industrial, a consolidação do capitalismo, o ingresso nos meios de produção e acesso ao ensino e a conseqüente migração do campo para a cidade as mulheres passam a ocupar mais efetivamente o espaço público. O mundo rural começa a interagir com o urbano provocando transformações nos modos de vida e na cultura da sociedade. A crise no campo impõe uma situação não programada: o inchaço das cidades e a aglomeração dos indivíduos. A busca por trabalho e melhores condições de vida, de subsistência, aliados a explosão demográfica nos centros urbanos agravam as diferenças sociais e suas conseqüências.

²⁵ Jornal Correio, ano XI, nº., 1949, p. 01.

²⁶ MACEDO, Elza Dely. Op. Cit. p. 144.

²⁷ MACEDO, Elza Dely. Op. Cit. p. 138.

Durante a Segunda Guerra Mundial as mulheres ocuparam definitivamente o espaço público. A força masculina de trabalho, principalmente na Europa e Estados Unidos, estava voltada para o esforço de guerra, nos campos de batalha, enquanto as mulheres estavam nas fábricas e espaços anteriormente destinados apenas aos homens. No Brasil, mesmo que em menor escala, essas mudanças também se fizeram presentes. À mulher foi destinada uma dupla jornada, além das *responsabilidades* domésticas o trabalho fora de casa figurava cada vez mais como parte do seu novo cotidiano e realidade.

No pós Segunda Guerra, conhecemos uma nova forma de conflito denominada Guerra Fria (1945 – 1985), caracterizada por uma disputa sem armas entre a URSS (União Soviética) e os EUA (Estados Unidos) pela hegemonia política mundial. O comunismo passa a rondar os países capitalistas como um fantasma e provoca certa histeria entre a população, principalmente nos EUA, denominada "ameaça vermelha". Esse medo acaba por legitimar a perseguição às pessoas suspeitas de serem membros e simpatizantes do Partido Comunista. O senador norte-americano, Josef Macarth (1908-1957), propõe uma verdadeira "*caça às bruxas*", o *macarthismo*, que atingiu especialmente os meios artísticos e intelectuais da época²⁸.

*Oklahoma City – Oklahoma – USIS – Denunciando o comunismo nos Estados Unidos e no exterior, o presidente Truman num dos últimos discursos prometeu combatê-lo 'não só onde ele constitui uma pequena minoria numa terra de liberdade, mas também onde ele seja uma força ameaçadora em marcha pelo mundo'.*²⁹

O Brasil não fica alheio à nova conjuntura mundial e opta por se alinhar com os EUA, passando assim a perseguir os comunistas. O Partido Comunista, que em 1945 voltou a ser legal, é levado novamente à clandestinidade em 1947, com a cassação de seu registro eleitoral. Para continuar atuando e manter seus projetos e idéias políticas seus membros passam a compor a base de partidos ainda legalizados e vêm nos movimentos sociais, um bom espaço para desenvolvimento de suas teorias e ideais.

²⁸CANDELORI, Roberto. O EUA e o novo macarthismo. Especial para Folha de São Paulo, 08/11/2001. www1.folha.uol.com.br/folha/educacao/, acesso em 13/08/2006.

²⁹ Jornal Correio, 07/10/1948. Ano XI, nº. 2502. p. 01.

1.2 – A Organização Feminina de Uberlândia

Uma das expoentes da Organização Feminina, Olívia Calábria nasceu em 05/04/1914 na cidade de São Paulo, chegou a Uberlândia com a família quando tinha apenas um ano de idade. Faleceu em 2005, aos 91 anos, dedicou toda sua vida ao Partido Comunista³⁰, sendo uma das mais expressivas militantes da cidade, o que a acompanhou até o final. Seus ideais acabaram por determinar sua trajetória, dedicada as causas no final sociais, não teve, segundo ela mesma, tempo de pensar em filhos ou casamento o que em alguns momentos foi usado como forma de ataque a sua condição de mulher.

Dona Olívia foi uma militante muito ativa do Partido Comunista, filiada desde sua fundação na cidade em 1945, logo após o fim da Segunda Guerra, permaneceu na esquerda até sua morte. Muitas vezes perseguida e presa foi para a Rússia em 1955, em alguns momentos diz que para fazer um estágio em Filosofia e Economia Política, em outros para tratar de uma doença grave. Essa dissonância entre seus discursos quanto a sua ida à ex-União Soviética, não impede que a vejamos como uma mulher que sem dúvida à frente de seu tempo, uma militante acima de tudo comprometida com seus ideais. Nos documentos doados ao CDHIS, após sua morte, encontramos uma quantidade razoável de livros e estudos sobre o processo comunista russo. Isso nos diz que ela pode até ter realmente se tratado de uma grave enfermidade, mas também esteve estudando e compartilhando de algumas atividades na antiga União Soviética.

*Dediquei toda minha vida ao PCB, abdiquei-me de diversos bons momentos da vida, abandonei por longos períodos a minha família, abandonei minha profissão de contadora(...)*³¹

Como integrante do Partido Comunista, Dona Olívia participou de várias das atividades do mesmo, segundo ela, foi uma das responsáveis pela organização da militância feminina na cidade de Uberlândia.

Dentre os movimentos sociais ligados ao Partido Comunista, que propunha em seu programa, antes da clandestinidade, um projeto de instrumentalização e

³⁰ Em 1989 o Partido Comunista se dividiu em duas vertentes o PCB – Partido Comunista Brasileiro e o PPS – Partido Popular Socialista.

³¹ Informativo do I Congresso Nacional de Mulheres do PPS 23 e 24 de março de 2006. Belo Horizonte / MG. Olívia Calábria (1914 – 2005) – Biografada por ela mesma.

consolidação da luta política, visando à organização de movimentos, nos deteremos no feminista, pois devido ao poder de mobilização e estruturação, as mulheres se mostraram uma força política a ser considerada e acompanhada de perto³².

Os movimentos femininos ligados ao Partido Comunista recebem suporte ideológico e auxílio na organização da militância.

*O suporte ideológico fornecido pelo PCB aos movimentos de mulheres também desloca o eixo de lutas: em lugar da construção de uma nova relação em família, busca-se uma melhor condição desta na sociedade, causas sociais preponderam sobre as causas especificamente femininas.*³³

Nesse contexto a Organização Feminina de Uberlândia emerge como ponto de interseção entre o movimento feminino da cidade, o Partido Comunista local e a sociedade. A aproximação entre o movimento feminino e o comunismo contribuiu para deslocar o eixo das lutas femininas – luta por melhores condições da sociedade e causas sociais – e feministas³⁴ – nova ordem na família e igualdade em relação aos homens. Pensar em uma Organização de Mulheres que reivindicava e se confrontava com uma sociedade conservadora para defender o que acreditava, passa a intrigar e aguçar a curiosidade quando pensamos na sociedade, especialmente uberlandense, das décadas de 1940/1950.

A participação das mulheres no cenário público da cidade reflete sem dúvida sua própria posição no âmbito privado, ao romper com sua invisibilidade diante da sociedade, as mulheres passam a confrontar e resistir a padrões morais, quebrando assim a vivência submissa no cotidiano familiar³⁵. Muitas militantes acabaram deixando de lado essa vivência familiar, fazendo assim uma escolha pela luta política, como se uma coisa não pudesse fazer parte da outra. *Eu sou solteira, não tive tempo de pensar em*

³² MACEDO, Elza Dely Veloso. *Ordem na Casa e Vamos à Luta! Movimento de Mulheres: Rio de Janeiro 1945-1964. Lydia da Cunha – uma militante*. Universidade Federal Fluminense, Tese de Doutorado.

³³ MACEDO, Idem. Ibidem. pp. 142 – 143

³⁴ Apesar de serem conceitos sinônimos no dicionário, acabam ganhando conotações diferentes quando explicadas pelas participantes dos movimentos, como é o caso de Dona Olívia Calábria, em entrevista concedida a Carmem Oliveira e Josefa no primeiro semestre de 2002, que frisa ser uma feminina, pois deseja lutar lado ao lado dos homens e diferencia estabelecendo que as feministas lutam contra os homens.

³⁵ MACEDO, Elza Dely. Op. Cit. p. 35.

casar, não tinha tempo³⁶. Em alguns momentos percebemos a utilização dessa condição de *solteira* como forma de agressão às mulheres, durante os conflitos entre a Organização e a Polícia o jornal Estado de Minas, segundo Silva, dá a seguinte nota.

*Enquanto as mulheres gritavam nervosamente sob o comando de Olívia Calábria, uma balzaquiana que procura substituir a ausência de um marido pelas lutas políticas (...).*³⁷

Uma manifestação, ocorrida na Câmara Municipal de Uberlândia, e relatada pelo Jornal Correio, mostra o descontentamento de uma parcela da sociedade com sua presença pública, caracterizada ali como detratora da ordem. O tumulto, segundo o jornal, provém da mistura de um trabalho sério, uma moção ao Sr. Presidente, com um grupo de mulheres que não deveriam estar ali, pois perturbam com suas reivindicações menores e são principalmente escandalosas, gritando e batendo palmas em uma sessão do Legislativo. Talvez o que mais incomode na participação dessas mulheres seja sua proximidade com o Partido Comunista local, lembrado pela figura do vereador Roberto Margonari, foi eleito vereador nos pleitos municipais de 1946 e 1951, sempre citado como uma liderança comunista da cidade.

*Elementos vermelhos tentam perturbar os trabalhos do Legislativo Municipal.
... mistura agora o snr. Roberto Margonari a moção ao snr Presidente da República com armazéns de emergência com uma Associação de Senhoras para lutar contra a carestia da vida.
Palmas e gritos. Impropérios novamente.*³⁸

O tom zombeteiro empregado no final da nota – *Palmas e gritos. Impropérios novamente* – mostra como a imprensa local anunciava e classificava essa organização, pela maneira mencionada a reportagem nos remete a Organização Feminina de Uberlândia, um movimento que não deveria ser ouvido, pois não tinha credibilidade e motivos para estar presente naquele recinto. O motivo parece ser sem dúvida sua ligação com o Partido Comunista, ela parece ser tratada apenas como mero reprodutor, manobradas a favor das intenções do partido.

*E daí, então lançarem mão dos meios e processos que lhe são usuais e que se resumem em mandar as mulheres e crianças na frente, enquanto que eles mesmos se escondem atrás delas.*³⁹

³⁶ Entrevista concedida por Dona Olívia Calábria à Carmem Oliveira, 2002.

³⁷ Estado de Minas, 26/07/1951. Ano 24, nº. 9.692, p. 1 e 4. In: SILVA, Idalice Ribeiro. Op. Cit. p. 392.

³⁸ Jornal Correio de Uberlândia, 19/05/1948, nº. 2404, ano XI, p. 01.

*(...) não era justo atirar em infelizes mulheres, infelizes não porque sejam pobres, e ao contrário, mas, porque estão sendo vítimas de maior embuste que pode ocorrer numa terra como a nossa.*⁴⁰

Aos olhos das autoridades policiais essas agremiações significavam uma desordem, uma quebra das normas, mais do que propriamente uma infração do Código Penal. A Organização Feminina, por estar ligada ao Partido Comunista de Uberlândia, de forma explícita ou não, era bastante visada pela polícia local que dava constantes buscas em sua sede.

*Tal confluência levava a que genericamente todas fossem percebidas como comunistas o que, além de uma forma de preconceito e discriminação, era certamente uma legitimação e justificação para o arbítrio e a violência*⁴¹.

A formação da Organização Feminina de Uberlândia partiu de um grupo de mulheres que durante o período de abertura política se reuniam para participar de comícios, passeatas e apoiar as eleições que seriam realizadas em 1945. A união, segundo Dona Olívia, não foi criada num mesmo dia, primeiro as mulheres se reuniam e conversavam, faziam amizades, mas já tinham condições de percorrer os bairros formando comissões.

*(...) nos comícios, nas passeatas e sempre forma um bloco de amigas, em todo lugar que você vai logo forma um bloco, aquelas que dão mais certo de ficar mais junta, então nesse bloco, assim, vamos organizar as mulheres, vamos fazer uma organização...*⁴²

Nos comícios e nas passeatas, essas mulheres participavam ativamente do cenário político nacional engajando-se à mobilização pelos direitos políticos na cidade de Uberlândia. Em 1946, o núcleo formado por essas *amigas*, companheiras, da origem a Organização Feminina de Uberlândia, com local de reuniões à Rua Floriano Peixoto, *um cômodo em uma casa chamada Santa Casa, onde funcionava um clube chamado Castro Alves, clube social e político*⁴³.

O núcleo de partida do movimento, a linha de frente como bem nos lembra Rodrigues, era formada por Olívia Calábria, sua irmã Haydde Calábria, Irma Gouvea,

³⁹ Processo Criminal, nº. 9977. p. 33.

⁴⁰ Processo Criminal, nº. 8337. p. 26.

⁴¹ MACEDO, Elza Dely. Op. Cit. p. 148.

⁴² Entrevista de Dona Olívia Calábria, concedida a Carmem Oliveira em 2002.

⁴³ Idem.

que era casada com o sapateiro e comunista João de Paiva Resende, Noêmia Gouvea, que foi representante do Triângulo Mineiro, na II Assembléia Nacional de Mulheres na cidade de Porto Alegre, Matildes Pereira César, Zulmira, Julieta, Filhinha *uma moça de cor*, Maria das Dores Andrade, Maria Mulata, Filomena Melazo Gouvea, Amália Mineiro. Entre elas foi eleita a primeira diretoria do movimento, então provisória. Foram elas as responsáveis pela concepção e realização das atividades do movimento.

A Organização reunia-se três vezes por semana e ganhou em 1946, do Sindicato dos Choferes de Uberlândia, um espaço em sua sede, na Rua João Pinheiro, para a realização de suas atividades e reuniões. Nesse mesmo local além das reuniões e do salão de corte e costura, foi instalado um ambulatório no qual, médicos e dentistas, atendiam as associadas. O movimento chega a incorporar, segundo dados de Dona Olívia Calábria, mais de mil mulheres. A Organização apresentou um estatuto registrado em cartório existe uma divergência de dados quanto à instalação da Organização ficando entre 1946 e 1948 sua formação efetiva.

A Organização Feminina de Uberlândia estava integrada às demais organizações femininas do país mantendo contato com a Federação de Mulheres do Brasil, com sede no Rio de Janeiro, à Federação de Mulheres de São Paulo e à União Feminina de Minas Gerais com sede em Belo Horizonte⁴⁴.

O Partido Comunista que em 1948 já se encontrava novamente na clandestinidade, após um breve período de legalidade, se via envolvido e envolvendo os movimentos, e aqui lembramos sempre do exemplo da Organização Feminina de Uberlândia, em suas lutas e ideais. Quando lemos o Estatuto da Organização fica evidente a presença do ideário comunista, a opção de luta contra a carestia e em defesa do petróleo são exemplos da fusão entre o movimento e as determinações comunistas.

- a- unir e organizar as mulheres desta cidade por seus direitos sociais e econômicos;*
- b- lutar contra a carestia de vida e contra o analfabetismo, procurando por todas as formas facilitar a vida da mulher em seu lar;*
- c- organizar e manter cursos de corte e costura, cursos de alfabetização, assim como uma biblioteca para as sócias e seus filhos;*
- d- promover palestras e conferencias educativas com a finalidade de instruir as mães, e donas-de-casa com noções de higiene infantil,*

⁴⁴ RODRIGUES, Jane de Fátima. In: *Perfis Femininos: Simbologia e Representação na Sociedade Uberlandense: 1920 – 1958*. USP, 1995. p. 331.

*educação moral e cívica, puericultura, economia, visando dar à mulher uma orientação segura como cidadã e mãe de família; e- promover assistência médico-dentária às sócias e seus filhos; f- manter um departamento recreativo que organize festas, baile, etc para as jovens com finalidade de proporcionar divertimento sadio e moralizado às moças que forem sócias ou filhas de sócias.*⁴⁵

Apesar das atividades políticas desenvolvidas pela Organização existia uma preocupação com a manutenção dos valores morais e familiares, mesmo nas propostas do movimento. A maior parte das integrantes, especialmente as idealizadoras do movimento, eram comunistas, atuantes e filiadas ao partido. As bandeiras levantadas pela Organização se aproximavam bastante dos interesses do Partido Comunista, que recém levado à ilegalidade parece emprestar a elas seus ideais e políticas.

Para chamar a atenção e reunir as mulheres a Organização Feminina dispunha de um dispositivo bastante utilizado pelos movimentos: a reunião de todos em prol de um objetivo comum e naquele momento o que mais unia a todos, especialmente as mulheres, sem dúvida, era a luta contra a carestia de vida que atingia especialmente os mais pobres. Artifícios como a disponibilização de professoras de corte e costura, a assistência médica e jurídica oferecida às associadas eram alguns dos elementos que traziam para a organização muitos adeptos. Todas as atividades desenvolvidas pela organização junto às associadas tinham um caráter voluntário, as professoras, os médicos, dentistas e advogados empregavam parte de seu tempo a elas e de uma forma geral à sociedade.

Esses “benefícios” interferiam diretamente no seu dia a dia, seja aprendendo uma profissão ou recebendo assistência médica elas eram inegavelmente apresentadas e iniciadas nas atividades, mais do que comunistas, em uma forma de pensamento político, argumentando e sendo questionadas sobre as necessidades de sua família e da comunidade.

*Aí organizava palestra no campo aos domingos, aí eu ia levava os médicos, os advogados, chegava lá na Martinésia, por exemplo, o povo tudo reunido e eu fazia o discurso antes: Nos da União das Mulheres lutamos por nossos direitos, lutamos por melhores escolas, por tudo aquilo que é preciso até hoje.*⁴⁶

⁴⁵ Capítulo I do Estatuto da Organização Feminina - Capítulo V: Saias no assento masculino: a mulher na Câmara Municipal. In: RODRIGUES, Jane. Op. Cit. p.330.

⁴⁶Entrevista de Dona Olívia Calábria concedida a Carmem Oliveira, em 2002.

Em muitos momentos, e isso chama a atenção, a uma tentativa de suprimir o caráter político da Organização, dizendo-se aceitar todas as mulheres que quisessem participar do movimento, fossem elas de qualquer partido político ou orientação religiosa, *mais aqui na Organização ninguém pode discutir nem política nem religião, porque a Organização é de todas as mulheres*⁴⁷. No entanto, o próprio texto acima *desmente* esse apartidarismo, se a cada reunião era feito um discurso apresentando a política do movimento, seus objetivos e lutas, como tirar-lhe sua forte dose de posicionamento, uma vez que ele é proferido não só por uma associada da organização, mas também uma militante comunista que agia em muitos momentos na ilegalidade, defendendo suas crenças. Aceitar todos sem questionar sua orientação política não quer dizer que o discurso político esteja banido das posições do movimento.

A participação individual na Organização, não parece realmente, estar relacionada diretamente com partidos políticos, todas as mulheres eram bem vindas. No entanto, isso não quer dizer que o movimento não carregasse em si um forte caráter político, as “idealizadoras” eram ligadas a partidos, no caso ao Partido Comunista, e isso fica evidente no discurso e nas atividades desenvolvidas por essas mulheres.

*Então quando era campanha eleitoral para presidente da República, por exemplo, a gente chegava na casa de uma associada e falava pra ela: olha é campanha eleitoral tal candidato, nos vamos fazer uma reunião aqui na sua casa. Ai enchia de mulher ia fazia palestra sobre aquele candidato.*⁴⁸

Em outra entrevista concedida por Dona Olívia Calábria o cunho político da união é reforçado quando ela diz que a partir do próprio estatuto do Partido Comunista é que a Organização Feminina foi pensada já *que ele era responsável por organizar o povo, foi aí que nós resolvemos organizar as mulheres e os operários*⁴⁹.

A presença masculina dentro da organização de mulheres fica evidente na fala de Dona Olívia Calábria: participavam como voluntários nas atividades sociais e estavam sempre presentes nos eventos. A maioria era comunista e foram induzidos e conduzidos pelas mãos de suas mulheres a interagirem com o movimento, sua participação propiciou a integração deles em eventos e reuniões.

⁴⁷ Idem.

⁴⁸ Idem.

A Organização era mantida por doações e pela contribuição das associadas que pagavam uma mensalidade. O dinheiro era usado para a obtenção de medicamentos, confecção de boletins informativos, panfletos e outros materiais de divulgação das atividades do movimento. As associadas, apesar de não serem obrigadas a pagar, preenchiam um cadastro, um formulário na entrada para o movimento. Infelizmente, pelas declarações de Dona Olívia, esse material foi perdido quando do fechamento da Organização.

O Movimento dispunha de uma intensa atividade de comunicação impressa o que a colocava diretamente ligada à população, especialmente às associadas. Eram lançados boletins e convites para a realização de eventos, manifestos reivindicando desde a proteção aos minérios do país até a construção de creches e escolas. Estavam presentes também nas sessões da Câmara Municipal sendo, recebidas pelo presidente da casa em 04 de novembro de 1949, onde protestou contra a carestia e reforçou o pedido para criação da Comissão Municipal de Preços, cujo requerimento havia sido encaminhado no dia 01 de novembro de 1949. Consta também das Atas da Câmara o convite para a I Reunião Feminina de Uberlândia em 08 de novembro de 1948.

O leque de propostas e reivindicações feitas pela Organização é enorme, é quase um “agradar a gregos e troianos”, propunha desde a defesa da paz à construção de escolas. Era quase impossível às pessoas não se identificarem com as propostas do movimento e isso acabou criando um espaço bastante propício para o desenvolvimento das atividades do movimento que assumindo ou não efetivamente era ligado ao ideário comunista.

Como era a relação da Organização com o poder público? Afinal algumas de suas ações e reivindicações chocavam diretamente com as autoridades municipais. Essa relação não pode ser muito bem definida, mas relatos indicam a criação da primeira creche municipal através da reivindicação dessas mulheres, além de escolas nos bairros. Dona Maria do Toninho foi eleita a primeira presidente da Organização, apesar de não figurar como uma das fundadoras da mesma, por que isso acontece? Em sua entrevista Dona Olívia faz menção à participação uma “moça de cor”, por isso nos perguntamos: elas não faziam parte da diretoria da Organização, não estavam incluídas em suas

⁴⁹ Entrevista de Dona Olívia Calábria concedida a Marta Ribeiro da Silva, em 24/12/1992. In: SILVA, Maria Ribeiro. “*D. Olívia: mulher, idosa e feliz*”. Monografia. Uberlândia. UFU, 1993.

atividades? São perguntas para as quais não encontramos respostas, se é que todas as questões precisam necessariamente de uma denominação final.

Na edição do Jornal Correio de 21 de fevereiro de 1952, um pedido feito pela Organização é veiculado. Apesar de não serem muito freqüentes divulgações das atividades da União, a reportagem que tratava de uma questão importante para o próprio desenvolvimento da cidade e da sociedade é veiculada, ou seja, mesmo não contando com a total aprovação da imprensa local algumas de suas propostas tem validade junto à comunidade.

A Organização Feminina de Uberlândia dirige-se ao prefeito.

A Organização Feminina de Uberlândia dirigiu ao Prefeito Tubal Vilela um ofício felicitando-o pela obtenção do empréstimo de 30 milhões de cruzeiros com que serão resolvidos diversos problemas municipais. Ao mesmo tempo faz sentir que vem acompanhado com vivo interesse a vida administrativa de Uberlândia através das atividades da Câmara e da prefeitura a cujo patriotismo faz lisonjeiras referências salientando a votação das leis que autorizam o funcionamento do armazém popular, das feiras livres nos bairros, de escolas no subúrbio, etc.

Sugere em seguida a Organização que sejam instaladas outras escolas comunicando ao prefeito que a Vila Brasil e adjacências foi feita a matrícula de 60 crianças em idade escolar podendo aí funcionar uma cadeira primária para a qual é indicada a srta. Maurília Batista ali residente e que se bacharela este ano. Também na Vila Saraiva há uma inscrição de 33 menores reclamando uma escola nesse bairro.

Pede a Organização Feminina que sejam esses e outros assuntos em que se empenham as donas de casa da cidade.⁵⁰

O jornal aqui trabalhado, Jornal Correio, raramente mencionava textualmente as atividades da Organização, como acima citado, na maioria dos casos ele diz apenas aquelas Senhoras, no entanto, dentro de suas declarações Dona Olívia fala de um apoio da imprensa ao movimento. Ao menos no jornal pesquisado esse apoio é pouco percebido, quando mencionadas foram taxadas de desordeiras. Essa condescendência com a imprensa pode ser entendida como uma forma de deixar de lado esse período em razão da visibilidade que esse mesmo jornal hoje dá a essas mulheres. Antes tratadas como “comunistas” e desajustadas pela sociedade hoje são na maioria dos casos vistas como elementos chaves na abertura da sociedade para a participação da mulher, além de ícones na luta pela liberdade e referências políticas da época em que atuavam.

⁵⁰ Jornal Correio, 21/02/1952. Ano XIV, nº. 3351. p. 01.

Exceções existem na relação da imprensa com a Organização – apesar de ter mencionado esse nome poucas vezes, fica evidente dentro de algumas reportagens que se está falando dela. Em 1949 o jornal Correio de Uberlândia traz a seguinte manchete: *Grande aparato policial e bélico para impedir pacíficas reuniões.*

... tudo para impedir duas reuniões dos comunistas e seus simpatizantes – hoje todos excomungados pela Igreja Católica Romana – uma “pró-paz” e outra promovida por um grupo de senhoras, está última com o fim de se dirigirem às nossas autoridades administrativas a fim de pedir providências no sentido de combater a carestia de vida.

*O povo de Uberlândia sempre pacífico, sempre ordeiro, assistiu surpreso a todas essas medidas policiais e fez o seu juízo: uma exibição de força desnecessária.*⁵¹

Percebemos um descontentamento com a atuação policial que reprimiu duas manifestações na cidade no dia 07 de agosto daquele ano, usando um aparato de armas quase como em uma guerra. No entanto, não podemos afirmar que essa reação era de apoio aos integrantes dessas reuniões, ao que tudo indica a imprensa e a população não se sentiram a vontade com policiais armados de fuzis e metralhadoras em praça pública.

O Jornal Correio⁵² na década de 1950 tem como diretor, seu principal cotista, Valdir Melgaço Barbosa, ligado ao partido udenista, isso talvez justifique o teor direitista das reportagens veiculadas, sempre atacando o partido comunista, enfatizando os problemas causados por ele e seus seguidores.

Sendo alinhado com a direita, pela própria direção e sócios do jornal, caminha ao lado do poder, apoiando as atividades da Câmara Municipal e da prefeitura, torna-se mais instigante sua posição em relação ao episódio acima, se pensarmos que poucos dias antes o próprio jornal havia veiculado reportagem dando conta das proibições dos movimentos, reuniões e eventos que fizessem menção à Paz. A reprodução de notícias veiculadas na capital, Rio de Janeiro e de outros centros como São Paulo, eram comuns,

⁵¹ Jornal Correio de Uberlândia, 07/08/1949. Ano XI, nº. 2710, p. 04.

⁵² Fundado em 1938, com o nome de Jornal Correio de Uberlândia, pelo produtor rural Osório José Junqueira, de Ribeirão Preto. Foi vendido na década de 1940 para um grupo de cotistas ligados à UDN - União Democrática Nacional, entre eles: João Naves de Ávila, Nicomedes Alves dos Santos e Alexandrino Garcia. Em 1952, Valdir Melgaço Barbosa, vereador e depois deputado estadual pela UDN, assume a direção do periódico. Em 1986 o Grupo Algar, por meio da Sabe - Serviços de Informações - assumiu o controle acionário do jornal e o mantém até os dias atuais.

<<http://www.correiodeuberlandia.com.br/v2/conteudo.aspx?id=1&data=>>. Acesso em 29/05/2007.

sempre citando as atividades comunistas no país. O Jornal Correio de 29/06/1949 reproduz uma reportagem que saíra em jornal da capital federal, chamando a atenção da população para o perigo representado pelas associações e pelas palavras e expressões propagadas por elas, afinal você poderia acabar sendo confundido com um subversivo ou comunista.

*Proibidos no Rio os movimentos Pró – Paz
Rio, 2 – (Do correspondente) – Por decisão da Polícia Política, foram proibidos os movimentos Pro – Paz que nesta capital, como em outros pontos do país, se vinham realizando como preparatórios de um congresso internacional na capital do México.
A proibição foi motivada pelo fato de serem esses movimentos interpretados como processos de agitação comunista.⁵³*

O direcionamento dado pela Polícia Política⁵⁴ era a de proibição dos movimentos em favor da paz não só na capital, mas em todos os estados e mesmo assim o jornal local estampa em sua primeira página uma dura crítica à atuação tanto da polícia quanto do juiz do município. É como já dissemos um contrasenso da direção do jornal permitir a publicação de uma reportagem que em última instância é favorável ou condescendente com as atividades propostas naquele momento pelo Partido Comunista e pela Organização.

Os documentos da organização foram perdidos em meio ao fechamento da mesma em 1956⁵⁵, não podemos afirmar assim quantas eram integrantes do movimento e quais eram as atividades desempenhadas por cada uma. Na verdade o que temos é o relato de uma de suas mais ilustres participantes que compartilha conosco a sua visão

⁵³ Jornal Correio de Uberlândia, 03/08/1949. p. 01.

⁵⁴ Em 1944 foi criado o Departamento Federal de Segurança Pública, subordinado ao Ministério da Justiça e Negócios Interiores, que extinguiu a Delegacia Especial de Segurança Política e Social (DESPS) e instituiu um órgão com maiores atribuições, a Divisão de Polícia Política e Social (DPS), devido principalmente à entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Tanto a DESPS quanto a DPS ampliaram o elenco dos alvos de investigação policial: integralistas, estrangeiros - os naturais de países envolvidos diretamente na Segunda Guerra Mundial, basicamente os eixistas, e, depois da guerra, os naturais de países do Leste europeu que passaram a compor o bloco comunista -, militares e entidades representativas da sociedade civil, sobretudo os órgãos de classe e de categorias profissionais, partidos políticos e imprensa. A partir de 1945, com o final da Segunda Guerra Mundial, a reestruturação política interna em governos liberais, a reorganização do Partido Comunista do Brasil e o início da Guerra Fria em 1947, o principal alvo da polícia política foram os comunistas. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 12, n. 22, 1998. pp. 03 e 04.

⁵⁵ Segundo Dona Olívia, parte dos documentos, que estavam em seu poder, foram queimados durante sua estadia na ex-União Soviética. Ao que tudo indica o restante foi eliminado quando a Organização foi desativada em 1956.

sobre o movimento, o que nos possibilita pensar a construção da relação dessas mulheres com seu espaço social.

Em 1956 a Organização Feminina fez um pedido à Câmara Municipal para que essa a reconhecesse como uma instituição de utilidade pública o que lhes foi negado⁵⁶. O motivo da negativa foi a utilização dos nomes União Feminina e Organização Feminina, o requerimento foi enviado com o segundo nome e no registro constava o primeiro, portanto não poderiam reconhecer uma instituição que teoricamente “não existia”.

Apesar de não ter conseguido se efetivar como uma instituição de utilidade pública ou mesmo dar continuidade aos trabalhos já desenvolvidos, uma vez que os depoimentos aos quais tivemos acesso dão conta do fechamento da Organização em 1956, seus reflexos são sentidos mesmo hoje. A abertura para discussão e a preocupação cada vez maior da sociedade em respeitar os espaços conquistados pelas mulheres tem suas raízes nos movimentos de mulheres. O discurso feminino e a preocupação com relação aos espaços ocupados pelas mulheres e sua presença em todos os níveis sociais, iniciados com as mulheres do século XIX, estão na ordem do dia até hoje, o que podemos perceber no texto que segue.

Em 21 de março de 2006 o atual Partido Comunista Brasileiro declara em seu 11º Congresso a necessidade de “atenção especial à retomada do trabalho dos comunistas para estruturar a corrente emancipacionista junto ao movimento de mulheres”. O PC do B tem hoje o desafio de, coletivamente, incorporar o caráter estratégico da luta das mulheres por sua emancipação, incluindo este debate nas diferentes instâncias partidárias e nos cursos promovidos pelo Partido.

O Estatuto do PC do B, aprovado no 11º Congresso, inclui um sub-capítulo sobre o Partido e as Mulheres, afirmando que a luta contra a discriminação das mulheres tem prioridade na atuação do Partido e em sua vida interna. E normatiza que o Comitê Central convocará periodicamente uma Conferência Nacional sobre a Questão da Mulher, para elaborar e implementar políticas sob a ótica de gênero, consoante com as demandas da emancipação da mulher e sua participação na luta transformadora, bem como na vida partidária⁵⁷.

⁵⁶ SILVA, Idalice Ribeiro. Op. Cit. p. 332.

⁵⁷ Resolução nº. 02/06 do Comitê Central do PC do B, sobre a emancipação da mulher, 08 e julho de 2007. <http://www.vermelho.org.br>. Acesso em 20/07/2007.

II – Contra a carestia e pela paz!

As mulheres estão na rua

CONVITE

Às senhoras e ao povo em geral

Dia 22, Domingo, à 1 hora da tarde, será realizado o Congresso da Organização Feminina de Uberlândia, contra a CARESTIA e pela PAZ, à Avenida Cypriano Del Fávero, 666. Pelas donas de casa, serão discutidos todos os problemas que afligem seus lares, como falta de água, luz e o seguinte temário:

DEFESA DA PAZ – COMBATE À CARESTIA – DEFESA DA INFANCIA – O MOVIMENTO FEMININO E SUA ORGANIZAÇÃO.

Uberlândia, Julho de 1951.

*A COMISSÃO ORGANIZADORA*⁵⁸

A tarde de 23/07/1951 ficou marcada com a presença das mulheres na praça, diante da Delegacia de Polícia de Uberlândia exigindo a liberação dos detidos no dia anterior durante a tentativa frustrada de iniciar as atividades do Congresso Feminino, organizado pela Organização Feminina. No dia 22/07/1951, a polícia havia determinado a proibição da realização do mesmo, tendo sido, segundo as autoridades policiais, os organizadores do evento informados da decisão.

O Congresso Feminino pensado, proposto e articulado pela Organização Feminina de Uberlândia, previsto para acontecer entre os dias 22 e 23/07/1951 acabou não se realizando devido à interferência policial. Sua programação previa um discurso sobre o valor da mulher no Congresso, discussões sobre as liberdades da mulher e o movimento feminino mundial e temas como a carestia de vida, a incerteza dos novos rumos da sociedade. As próprias integrantes da união promoveriam os debates referentes aos temas propostos, sendo definido sua programação como segue.

Programa dos Trabalhos do Primeiro Congresso Feminino da Organização Feminina de Uberlândia

1. Abertura Secção

À uma hora

Discurso por Irma de Paiva Rezende

O valor da mulher no Congresso

2. Debates das Teses

⁵⁸ Convite constante do Processo Criminal, nº. 9977, p. 19. O convite para participação no Congresso foi dirigido às cidades vizinhas de Uberlândia, tendo comparecido para sua realização várias pessoas de Araguari e Uberaba, como podemos perceber nas prisões efetuadas e depoimentos dos indiciados, constantes do processo.

- a) Noemia – Falar sobre a luta contra a carestia da vida, pela proteção à infância e melhoria das condições de vida.
- b) Zulmira – a mulher em luta pela paz
- c) Matilde – Apresentar as mensagens enviadas à Eliza Branca e suas filhas, à união Feminina de Minas Gerais, à Federação de Mulheres do Brasil, ao Snr. Getulio Vargas e ao Snr. Prefeito.
- d) Olivia – Falar sobre Organização Feminina, suas liberdades e o movimento Feminino Mundial.
Apresentar a chapa da nova Diretoria – eleger as delegadas e a comição de zona

Dia 22

- 3. Festividades
Vila Martins
Vila Operaria

Dia 23

- 4. Passeata à Prefeitura
Todas as mulheres ir à prefeitura segunda feira à _____ hora levar à mensagem ao Prefeito⁵⁹

No programa percebemos a presença das principais líderes da Organização Feminina e seu engajamento com as atividades do mesmo. Ele traz as principais reivindicações dessa união além de propor um debate sobre a função desempenhada pelas mulheres nos problemas enfrentados pela sociedade dedicando parte de suas discussões ao papel desempenhado por elas na luta pela paz. A pauta proposta para o Congresso vem de encontro com os trabalhos já desenvolvidos pela Organização Feminina, ao que tudo indica o evento seria utilizado para a divulgação das atividades do movimento e para a conscientização das mulheres, chamando a atenção para seu papel na sociedade. O carro chefe seria a luta pela paz, no entanto, esses movimentos já vinham sendo acusados de utilizarem esses eventos para propagar o *credo vermelho*.

Cuidado com a palavra PAZ

Evitem pronuncia-la ou escreverem-na

Rio – 28 – (Do correspondente) – Pelas autoridades do 17º Distrito foram encaminhados à Delegacia de Ordem Política e Social, Antonio Jose Fernandes, capitão reformado da Aeronáutica e João Batista Tavares, motorista profissional, presos na Rua Conde Bomfim, que escreviam nos postes da via publica a palavra PAZ. Serão ditos comunista por chefia de policia aqueles que escreverem ou pronunciarem esta palavra⁶⁰.

A interdição do Congresso é mais do que simplesmente a proibição de uma reunião ou encontro de algumas mulheres para discutirem problemas que afetavam o

⁵⁹ Programa do Congresso Feminino. Processo Criminal, nº. 9977. p. 19.

⁶⁰ Jornal Correio, 29/06/1949. Ano XI, nº. 2683. p. 01.

seu cotidiano. Representaram o amplo controle social desenvolvido pelo Estado que utilizava das prisões como forma não só de repressão, mas também como tentativa de desarticulação do movimento, além de “desculpa” para tirar de circulação elementos “subversivos” e detratores da ordem.

*... a criminalidade real, entendida, na sua acepção simples de infração às normas do Código Penal, e a atividade policial, que vai muito além da prisão de eventuais criminosos, exercendo uma atividade de amplo controle social.*⁶¹

A atuação policial na interdição do Congresso Feminino é sem dúvida uma forma de desarticular a própria Organização e minimizar sua atuação junto à sociedade. A participação de elementos que segundo a polícia seriam subversivos, pode até justificar a prisão dos mesmos, mas como determinar o motivo de seu fechamento antes que se desse objetivamente seu início, se não por essa tentativa de repressão social dos comportamentos não entendidos como coerentes com a ordem vigente.

*Mobilizadas à luta pelo PCB que reproduzia o ideário da Internacional Comunista, as mulheres atraíam para si, fossem ou não comunistas, a ira dirigida ao pensamento político contra-hegemônico e por extensão, ainda que se escudassem na defesa do lar e dos filhos, a ira dirigida aos comportamentos desviantes, dos padrões de organização doméstica tidos e afirmados como desejáveis.*⁶²

Para além das atividades sociais desempenhadas pela União de Mulheres não podemos deixar de observar que as integrantes e fundadoras da organização são mulheres comunistas, não só ligadas ao partido, mas participantes ativas e respeitadas pelo círculo partidário.

As reportagens veiculadas pelo Jornal Correio nos dias subsequentes à interdição do Congresso e prisão de seus participantes não menciona quem são os organizadores, ou melhor, as organizadoras do evento. A Organização Feminina é excluída da cena pública, não há menção, a não ser como idealizadora do evento, à sua participação nos incidentes registrados. A responsabilidade do Congresso fica inteiramente na mão do Partido Comunista, sendo o principal acusado, no Processo Criminal, 9977, o Sr. Roberto Margonari.

⁶¹ FAUSTO, Boris. Criminalidade e Controle Social. In: *Crime e Cotidiano*. EDUSP, SP. 2001, p. 42

⁶² MACEDO, Elza Dely. Op. Cit. p. 167.

*Domingo último, promovido pelos comunistas locais segundo versão que obtivemos, deveria realizar-se nesta cidade em local previamente designado, uma reunião que tinha por fim, segundo os boletins espalhados "protestar contra a remessa de tropas para a Coréia e contra a carestia de vida". Pouco antes da hora marcada chegou ao local, um contingente policial armado de fuzis e metralhadoras, comandado pelo Tenente Georgino Jorge de Souza e um outro oficial da Força Pública e proibiu a realização da reunião.*⁶³

Durante a leitura do Processo Criminal, envolvendo o vereador Roberto Margonari e outros⁶⁴, a proibição do Congresso, de acordo com as autoridades policiais, já determinada, emerge como uma arma política usada para reprimir e justificar as prisões efetuadas, não das organizadoras do evento, mas dos homens presentes no local, todos inicialmente caracterizados como comunistas.

Excetuando Roberto Margonari e João Gomes Diniz os demais indiciados negaram, dentro de suas alegações, serem comunistas e de terem conhecimento de que o aludido Congresso teria essas inclinações e que se soubessem não teriam estado presentes a ele. No decorrer do processo Roberto Margonari foi condenado a pagar fiança de mil cruzeiros, 05 de fevereiro de 1954, pelo crime de Lesões Corporais, contra o Tenente Georgino. Os demais acusados foram absolvidos, exceto João Gomes Diniz que foi excluído do processo.

Os acusados foram levados para Belo Horizonte, onde se encontravam quando da determinação do Juiz Municipal de Uberlândia, para que respondessem ao processo em liberdade, isso porque a denuncia foi caracterizada como crime de ordem política. O advogado de Roberto Margonari e João Gomes Diniz é João Edison de Melo, o mesmo que responde pelos acusados do Processo Criminal nº. 8837. Folha de antecedentes de Margonari pagina 96 colocar nos dados sobre Roberto.

A presença e prisão dos homens, arrolados no Processo Criminal número 9977, durante a pretendida realização do Congresso Feminino, se dão pelas suas atuações e convicções políticas. Efetuadas no dia 22/07/1951, mostram o caráter político do

⁶³ Jornal Correio de Uberlândia, 24/07/1951. Ano XIV, nº. 3204. p.01.

⁶⁴ Junto com Roberto Margonari, 42 anos, casado, dentista (vereador) foram presos José Bertoldo, 27 anos, casado, lavrador; Antônio Pereira dos Reis, 21 anos, casado, mecânico; Gabriel José Pereira, 27 anos, solteiro, ferroviário; Francisco Nunes dos Santos, solteiro, auxiliar de ferreiro; Jerônimo Tomaz da Silva, 41 anos, ferroviário; João Gomes Diniz, 41 anos, casado, alfaiate, acusados pelos crimes Artigo 129 e 329 e por seu suposto envolvimento com a realização do Primeiro Congresso Feminino de Uberlândia.

Congresso. O senhor José Gomes, diz em seu depoimento que veio de Uberaba representando a classe dos alfaiates, para participar do Congresso e que desconhecia a prévia proibição da realização do mesmo e que é comunista.

O delegado José Spártaco Pompeu declarou em seu relatório que como pode ser verificado os comunistas se reuniram, já conhecedores e convictos de que eram infratores das leis penais e se portaram não como um grupo de mulheres como anunciaram, pois se tratava de Congresso Feminino, mas num bando armado de homens, associados para premeditadamente cometerem crimes.⁶⁵

Os presos em flagrante delito foram comparados pelo Tenente Georgino Jorge de Souza, a uma quadrilha, *a associação entre eles previamente feita para cometer crime e armando-se para fazê-lo*⁶⁶, e acusados de Resistência a Prisão, artigo 329 e por Lesões Corporais, artigo 129. Além de serem incursos no Decreto-Lei 431 do Código Penal que versa sobre a Segurança Nacional.

Fica evidente, frente à fala do Tenente Georgino Jorge de Souza⁶⁷ - que figura como vítima e testemunha no processo criminal que envolve o fechamento do Congresso - e das testemunhas ouvidas durante a prisão em flagrante delito dos “participantes”, a utilização da proibição da reunião feminina para acusá-los de comunistas, ou como o próprio delegado coloca em sua exposição *praticantes do credo vermelho*. É interessante perceber que mais que uma ideologia política o Partido Comunista chega às vezes, ser tratado como uma doutrina religiosa e assim colocado como algo nocivo à sociedade e, portanto, necessário ser combatido.

De acordo com o Delegado Adjunto, apesar de avisados da proibição da realização do Congresso os participantes não se intimidaram e reuniram-se à Rua Cipriano Del Fávoro para dar início às suas atividades. Com a intenção de surpreender seus organizadores o Tenente Georgino Jorge de Souza dirigiu-se ao referido local para dispersar os presentes, como não obedeceram ao pedido do representante policial foram presos por desobediência à autoridade. Estando nesse momento os denunciados José

⁶⁵ Processo Criminal, nº. 9977, p. 34.

⁶⁶ Processo Criminal, nº. 9977, p. 02.

⁶⁷ Delegado Especial de Polícia, residente em Monte Alegre de Minas, enviado a Uberlândia para auxiliar, as autoridades locais, na repressão de um movimento comunista, onde aconteceria, segundo a polícia, manifestação e propaganda do chamado “credo vermelho” – Processo Criminal, nº. 9977.

Bertoldo, Antônio Pereira dos Reis, Gabriel José Pereira, Francisco Nunes dos Santos e Jerônimo Tomaz da Silva.

Quando os denunciados, acima citados, eram conduzidos à delegacia aproximaram-se Roberto Margonari e João Gomes Diniz *que vinha na qualidade de elemento de reconhecidos pendoros comunistas e de grande expressão nas hostes do partido*. Margonari, segundo depoimentos da vítima, em atitude suspeita, parecendo que ia sacar uma arma, foi interpelado pelo Tenente Georgino que travou luta corporal com o indiciado, dominando-o, mas tendo sido ferido com o canho do revólver portado pelo acusado.

Foram apreendidos com os indiciados quatro revólveres e uma faca de ponta. Para o Tenente Georgino isso comprovava a associação dos presentes para praticar crimes, mas na década de 1950, apesar do porte de armas já ser exigido, não era ainda costume os homens andarem armados? Acusados, no Auto de Prisão em Flagrante delito, pelo artigo 288 parágrafo único o Promotor de Justiça, em 27 de maio de 1952, concluiu que os indiciados não estavam sujeitos a essa penalidade, pois não ficou comprovada a associação para praticar crimes o que caracteriza o artigo do Código Penal.

O Promotor não vê ainda motivos para inquirir os acusados no Decreto-Lei 431 de 1938, da Lei de Segurança Nacional, afinal a reunião programada não ocorreu, sendo, portanto acusados apenas do crime de Desobediência. No entanto, Roberto Margonari ganha tratamento especial.

Em seu depoimento o Tenente Georgino – que atua como Delegado Especial de Polícia, 32 anos, casado e residente em Monte Alegre, esclarece que no dia 21 (07/1951) recebeu ordens da Chefia de Polícia do Estado para se dirigir a Uberlândia e se colocar à disposição das autoridades locais a fim de ajudar a reprimir um movimento comunista onde se faria a propaganda do “credo vermelho”. Podemos verificar essa determinação vinda de Belo Horizonte através do Radiograma, 60 enviado da Capital de Minas, nº. 278, na data de 22/07/1951, às 12h55min, endereçado ao Delegado Adjunto de Polícia.

Confirmando instruções telegráficas esclareço que não pode ser realizado congresso comunista de mulheres marcado para hoje. Deveis incubir ten. Georgino de Sousa para exercer o policiamento e

vigilância enquanto que delegado adjunto fica desembaraçado para fazer inquérito se for preciso. Deveis publicar no radio local proibição afirmando que policia usara energia para que lei seja respeitada. Dr. Luiz informa que já seguiu ordem para ten. Georgino responder delegacia durante vossa ausência. Deveis pedir encarregado estação radio local Borges para se manter ligação com B. Horizonte – hoje caso ocorra qualquer acontecimento.

Saída

José Henriques

*Delegado – Ordem Publica.*⁶⁸

A ordem para proibição do Congresso veio diretamente de Belo Horizonte, a preocupação era coibir o início de suas atividades, mas nos parece que sua interdição chega atrasada. É de se concordar que era quase impossível que os participantes do Congresso conhecessem a proibição, pois como podemos verificar no Processo 9977, a ordem de interdição só veio na manhã do dia 22/07, ou seja, no mesmo dia da abertura do evento. No entanto, não podemos nos esquecer que a maioria dos participantes e organizadores eram comunistas e, portanto, tinham conhecimento da prévia proibição de reuniões e associações que fizessem alusão contrária ao regime vigente.

Em suas declarações Margonari diz ter sido convidado a participar de uma reunião que discutiria a carestia da vida e da paz, convite este que partiu de uma comissão de mulheres, dentre elas lembra-se de ter visto o nome de Dona Sinhá do Marquinho⁶⁹ e que aceitou participar na condição de vereador da Câmara Municipal. Que ao ver a polícia na porta do prédio onde se realizaria o Congresso, passou com seu amigo João Gomes Diniz do lado oposto da rua e que foi interpelado por praças que tentavam dar uma busca nele e que ele resistiu a essa busca.

Único condenado pelo crime de lesões corporais contra o Tenente Georgino, Roberto Margonari, é o mais acusado dentro do processo e segundo depoimentos da vítima e das testemunhas ao ser preso pela polícia deu vários vivas ao Partido Comunista. O que chama a atenção, em todo esse processo, é o fato de que o réu não é recriminado pelas suas atitudes incursas nos artigos 129 e 329 do Código Penal, mas sim por ter proferido sua ideologia, comunista, em praça pública. A absolvição do Sr. José Gomes Diniz parece corroborar essa afirmação, segundo o Promotor, ele estava

⁶⁸ Processo Criminal, nº. 9977. p. 12.

⁶⁹ Dona Sinhá do Marquinho em entrevista declarou que participou ativamente da vida política da cidade, em 1954 ela apoiou o candidato da coligação PSP/UDN, Afrânio Rodrigues da Cunha, que venceu o pleito para a prefeitura de Uberlândia. Cf. RODRIGUES, Jane de Fátima. Op. Cit. pp. 315-316.

apenas acompanhando Roberto Margonari, mesmo confessando ser comunista não professou sua ideologia, ou seja, era permitido ser comunista, mas era vetado que se fizesse apologia ao mesmo.

As testemunhas ouvidas durante as instruções de prisão em flagrante delito constantes do Boletim de Ocorrências, parecem repetir o mesmo depoimento, não conhecer os indiciados a não ser Roberto Margonari e enfatizando que ele é um dos chefes do “antigo Partido Comunista” de Uberlândia. Como dizer ou afirmar que o Partido é “antigo” se sua presença está a todo o momento em evidência, seja na proibição de um Congresso, na perseguição a um movimento ou na prisão de indivíduos que mesmo sem fazerem parte de um partido legal continuam dando voz a um objetivo político.

Durante o processo é declarado que o Congresso seria apenas um disfarce para as atividades comunistas, como forma de mantê-lo, mesmo estando proibidas desde o dia 15 de maio de 1951 o funcionamento de qualquer *uma dessas encenações do extinto Partido Comunista*. Ressalta também o declínio vivenciado pelo partido comparando sua popularidade a participação em números de votos referentes aos pleitos de 1947 e 1950.

*É sabido que o Partido na ilegalidade e vem declinando a cada dia que passa. Basta verificarmos a estatística de seu eleitorado nas sucessivas eleições que vem se verificando no País e até mesmo nesta cidade. Nas eleições de 1947, obtiveram eles cerca de quase três mil votos e nas eleições de 1950, seus votos atingiram apenas o número de 735.*⁷⁰

*O PCB era ignorado pelas massas o que o levou a uma “verticalização” e centralização de suas atividades e atitudes. Os movimentos ligados ao ideário comunista, mesmo que se declarando apartidários, é que manteve vivo o PCB através de suas campanhas e movimentos que atingia a maior parte da população*⁷¹.

Talvez o Partido Comunista fosse realmente ignorado pela grande maioria, que participava de associações com bases comunistas, no entanto, apesar disso e ainda clandestino, O PCB continuou a influenciar a sociedade e a política. Movimentos, como a Organização Feminina de Uberlândia que tinha em seu quadro de fundadoras muitas comunistas, eram constantemente inquiridos pelas autoridades policiais. Suas atividades

⁷⁰ Processo Criminal, nº. 9977, p. 33.

⁷¹ MACEDO, Elza Dely. Op. Cit. p. 203.

eram taxadas de subversivas e sua sede era constantemente “visitada” pela polícia local que apreendia documentos e dispersava suas reuniões.

A perseguição empreendida aos membros do Partido perpassou a vigilância às associações ligadas a ele – ou as determinou –, os deputados, senadores e vereadores, que mesmo eleitos sob a sigla de partidos legais, perderam seus mandatos, como mostra a reportagem do jornal Correio de 1948: *Substituição dos representantes comunistas*. A imprensa dá ampla cobertura ao desfecho judicial dado às vagas dos representantes, que ora comunistas, e impedidos de concorrerem sob sua sigla são eleitos através de outros partidos, tidos democráticos.

O Tribunal Superior Eleitoral, em sessão de ontem julgou a consulta do Tribunal Regional de Sergipe, sobre o modo de serem preenchidas as vagas existentes na Câmara Municipal de Aracaju resultante da cassação de mandatos de vereadores comunistas eleitos por partidos democráticos. (...) ⁷²

A atuação política do partido, mesmo na ilegalidade, não é esquecida, e talvez justamente por isso os membros notoriamente comunistas, já conhecidos das autoridades policiais são amplamente reprimidos e perseguidos. Em Uberlândia essa “perseguição” pode ser acompanhada através do Jornal Correio, que dá ampla cobertura aos fatos ocorridos com os integrantes comunistas da cidade e sempre reproduz as reportagens que circulam no Brasil, sobre a situação dos representantes comunistas.

Durante os depoimentos das testemunhas dos processos nota-se claramente a consonância com as alegações policiais que apesar de pouco mencionada, quando o fazia frisava o caráter comunista das manifestações da Organização Feminina. Arrolados no Processo Criminal, nº. 8337 de 1952, apesar das inquirições policiais terem se iniciado em 1951, os réus Claudemiro Silva, 31anos, casado, tintureiro; Lucília Soares Rosa, 38 anos, solteira, doméstica e Olívia Calábria, 37 anos, solteira, guarda-livros são acusados e posteriormente julgados pelo delito de Lesões Corporais, artigo 129 do Código Penal Brasileiro, contra o Delegado de Ordem Pública do Estado, Dr. José Henriques Soares.

Foi motivo para que a ordem pública nesta cidade fosse absolutamente perturbada, trazendo o desassossego da população de Uberlândia, durante toda a noite de 22 e nos dias subseqüente, chegando ao auge de ter se dado enfrente à delegacia de polícia desta

⁷² Jornal Correio, 02/08/1948. Ano XI, nº. 2457. p. 01.

*cidade, em pleno dia, um conflito, onde ficou ferido o próprio Delegado de Ordem Pública do Estado, agredido por mulheres servindo de instrumento de comunistas que das esquinas atiraram contra o aludido delegado...*⁷³

No decorrer do processo as acusadas Olívia Calábria e Lucília Soares foram absolvidas em 04/09/1952, já o réu Claudemiro Silva foi condenado a cinco meses de retenção por estar em *estado de exaltação coletiva, não por motivos anti-sociais e sim de ideologia política*. Em 16/01/1953 o acusado foi absolvido pelo Egrégio Tribunal de Belo Horizonte.

No dia 23/07/1951, segundo declarações da promotoria e alegações do Boletim de Ocorrência em que constam as prisões em flagrante delito dos réus, um grupo de mulheres que era seguido de perto por alguns homens dirigiram-se à delegacia da cidade de Uberlândia para reclamar da prisão ocorrida no dia anterior de alguns participantes: convidados e simpatizantes do dito Congresso, *cujo programa a ser desenvolvido, para a polícia, como é relatado no inquérito, constituía velada propaganda de idéias subversivas de caráter comunista*⁷⁴. Antes de irem até a Cadeia Pública as mulheres, segundo relatos, comandadas por Olívia Calábria, dirigiram-se à residência do prefeito, Sr. Tubal Vilela da Silva, não sendo atendidas pelo mesmo, rumaram então à delegacia, a pedido dele, com a garantia de que seriam bem atendidas pelo delegado.

(...) procuraram o Sr. Prefeito pedindo-lhe o seu apoio para por em funcionamento o Hospital Infantil, o armazém de emergência, constante da lei já votada, bem como pedir-lhe seu apoio para a não, ida das forças brasileiras para a Coréia, pontos esses constantes das conclusões a que chegara o Congresso da Organização Feminina
*(...)*⁷⁵

Essas considerações são feitas por Dona Olívia em 05 de dezembro de 1951, na instrução para o julgamento do processo, ela nos diz que essas foram as conclusões a que o Congresso chegou, mas ele foi proibido, portanto não realizado e não podendo ter chegado a nenhuma determinação.

⁷³ Processo Criminal, nº. 9977, p. 35.

⁷⁴ Processo Criminal, nº. 8337 de 1952. p. 01

⁷⁵ Processo Criminal, nº. 8337, p. 51. Declarações de Dona Olívia Calábria. (grifo da autora)

No relatório da promotoria de justiça esse grupo de mulheres exigia explicações sobre os motivos da proibição do funcionamento do Congresso Feminino, ocorrido no dia anterior, 22/07, e solicitavam ainda a restituição de objetos apreendidos na sede interditada. Segundo declarações da vítima, Dr. José Henrique Soares, ao aproximarem-se da Delegacia o grupo de mulheres foi abordado por ele que tentou dispersá-las, dando início a uma grande confusão, saindo algumas pessoas presas e alguns feridos. Claudemiro agrediu-o, no que foi seguido por várias mulheres, entre elas foram detidas as já mencionadas acusadas. E como agravante os três indiciados declararam-se comunistas.

Como para corroborar as acusações e dar maior peso as declarações feitas pelo Dr. Assistente do Dr. Chefe de Polícia do Estado foram anexados ao processo criminal boletins, um em cópia fotostática que é um *incitamento* contra a prisão do vereador comunista Roberto Margonari; um panfleto conclamando os Patriotas a exigirem a libertação dos presos na véspera, uma edição extra do jornal “Tribuna do Povo”, ao que podemos apurar ligado ao Partido Comunista, e um panfleto que estampava o Manifesto do Primeiro Congresso da Organização Feminina de Uberlândia contra a Carestia e pela Paz.

*Povo de Uberlândia!
Por defender nossos direitos, acaba de ser preso Roberto Margonari!
Marchemos para libertá-lo!
Todos em frente a Delegacia às 19 horas!
Todos na luta pela PAZ!
Abaixo a guerra! Viva a PAZ!*⁷⁶

Esses documentos, constantes dos Processos Criminais, que estão sob a guarda do CDHIS, GT Violência, também foram encontrados por Idalice Ribeiro Silva, nos arquivos do DEOPS do Rio de Janeiro. A preocupação com as atividades comunistas na região através dos movimentos é notória, a própria Organização Feminina é acompanhada de perto e sempre que considerado necessário interferiam como aconteceu na proibição do Congresso.

A preocupação fica ainda mais evidente com a chegada do Delegado de Ordem Política Social do Estado, Dr. José Henriques Soares, no dia 23 de julho de 1951. Vindo de Belo Horizonte chegou a Uberlândia na manhã desse dia para tomar conhecimento

⁷⁶ Processo Criminal, nº. 8337 de 1952. p. 18.

das ocorrências do dia anterior, *em que foram presos os elementos comunistas desta cidade*. Em seu depoimento, constante do Processo Criminal nº. 8337, o delegado, que figura como vítima dessa ação, foi informado de que *um bando de mulheres comunistas se dirigiam à delegacia vindas da prefeitura*. Segundo ele seguiam entre 80 e 100 mulheres em direção à delegacia.

O poder de mobilização e a capacidade de responder rapidamente às investidas das autoridades policiais contra o movimento podem ser verificados na Edição Extra do Jornal Tribuna do Povo, nº. 9, ano 1 – Uberlândia, 22 de julho de 1951.

*Brutalmente impedido pela Policia o Congresso Feminino.
Presos o vereador Roberto Margonari e dois patriotas de Uberaba –
Quer o governo impedir pela força das armas a luta pela paz e contra
a carestia – Libertemos os presos pela força da solidariedade.*⁷⁷

A Organização mantinha uma relação bastante próxima com uma tipografia da cidade, sempre lançava informes sobre as atividades do movimento e convites para a participação em seus eventos. Além disso, dispunha de recursos para rápida confecção de panfletos e informativos sobre os acontecimentos recentes, *tinham sempre a tipografia, com conhecido da gente, então agente ia lá já tinha o dinheiro, e falava nós precisamos de mil boletins*⁷⁸. O jornal Tribuna do Povo está na rua no mesmo dia em que a interdição do Congresso e a prisão de seus participantes acontecem.

*Estúpida violência contra o povo acaba de ser cometida pela policia do governador Juscelino, que hoje, às 13 horas, impediu brutalmente a realização do Congresso Feminino contra a carestia e pela Paz, à Av. Cipriano Del Fávoro, nº. 666, sede da Organização Feminina de Uberlândia.*⁷⁹

Dona Olívia Calábria nos diz da existência de um jornal ligado à Organização Feminina, mas não é possível determinar se o jornal Tribuna do Povo é o mesmo mencionado por ela. O que podemos ter certeza é que não existe registro, nem no Arquivo Público Municipal de Uberlândia e nem no CDHIS – Centro de Documentação e Pesquisa em História, da Universidade Federal de Uberlândia, da circulação desse periódico na cidade.

⁷⁷ O Jornal consta como prova material de acusação no Processo Criminal, nº. 8337 de 1952. p. 23.

⁷⁸ Entrevista concedida por Dona Olívia Calábria em 2002 a Carmem Oliveira.

⁷⁹ Tribuna do Povo, 22 de julho de 1951. Ano 1, nº. 9. p. 01.

*E eu também tinha um jornal, mas eu esqueci o nome, eu não lembro o nome dele mais não, agente é muito descuidada fazia aquilo por amor não estava pensando em História, se pensasse em História guardava*⁸⁰.

Apesar de ser pouco mencionada pelas reportagens e declarações das autoridades policiais, a Organização Feminina aparece na fala de Dona Olívia durante o depoimento de instrução do processo nº. 8337, ela contesta a acusação de que o grupo seria de mulheres comunistas, mas não especifica por quem ele era formado, *desejando frisar que essa Organização não tem caráter comunista que lhe querem emprestar*. É a primeira vez nesse processo que o nome da Organização é citado.

As testemunhas de defesa do Processo Criminal 8337, são mulheres, sendo inicialmente seis inquiridas, há depoimentos de apenas três, sendo elas: Ana de Sousa, 39 anos, casada, doméstica, sabendo assinar mal o nome, declarou ser membro da União Feminina e como participante tinha conhecimento da ida do grupo falar com prefeito, no entanto não as acompanhou, pois recebia em sua residência várias pessoas que vieram participar do Congresso. Apesar de declarar não conviver com os réus é inevitável pensarmos que pelo menos com Olívia ela travava conhecimento afinal, como declararam, faziam parte da mesma Organização. Jaira Gomide, 42 anos, casada, serviços domésticos, sabendo ler e escrever, durante a inquirição afirmou que acompanhava as mulheres da União Feminina naquele dia, não afirmando fazer parte dela, mas corroborando a sua existência. Jaira Gomide de Freitas, 22 anos, casada, doméstica, sabendo ler e escrever, declarou ser uma simples camponesa e que estava junto com as mulheres da União e que participaria do Congresso.

Não temos como já dissemos documentos referentes às participantes da Organização, mas pelas mulheres que se declararam pertencentes a ela, podemos traçar um perfil, não fiel, mas perceber algumas semelhanças entre suas integrantes. As três citadas acima são casadas, tem grau de instrução baixo e defendem em seus depoimentos as petições junto às autoridades públicas e policiais. Já as réas, Olívia integrante do Partido Comunista e Lucília, segundo Rodrigues, que já fora vereadora em Campo Florido, a semelhança está em que são solteiras e que tem uma atuação política bem marcada.

⁸⁰ Entrevista concedida por Dona Olívia Calábria a Carmem Oliveira em 2002.

No dia 22 de julho de 1951, mesmo dia das prisões, foi encaminhado, por Radiograma, nº. 273, ao Senhor Delegado de Ordem Pública do Estado, Dr. José Henriques, o programa do 1º Congresso Feminino e um boletim de convite pra a realização do mesmo, além do auto de corpo de delito do Tenente Georgino e o Auto de Apreensão das armas. O envio desses documentos parece ter provocado o deslocamento do Delegado José Henriques, que já no dia posterior figurava como vítima do Processo Criminal 8337, que também está relacionado neste trabalho.

Não há prova de que a briosa autoridade policial tivesse proibido à reunião do 'Congresso da Organização Feminina de Uberlândia', logo, não houve desobediência a ordem legal. Essa foi a conclusão a que o Egrégio Tribunal Federal chegou, no Processo Criminal, nº. 9977, p. 135, o que estava em acordo com a determinação do Juiz João Gonzaga de Siqueira, da Comarca de Uberlândia, em 06 de agosto de 1951, que concedeu relaxamento de prisão aos acusados, por ter entendido que não houve crime político e arbitrado a Roberto Margonari fiança de três mil cruzeiros para responder o processo em liberdade, referente ao crime de Lesões Corporais. Como nos confirma a edição do Jornal Correio de 11 de agosto de 1951, ano XIV, nº. 3217, nas páginas 01 e 02: *Não houve crime político decide o dr. João Gonzaga de Siqueira, ilustre Juiz Municipal no processo contra os comunistas.*

Por trás dos inquéritos policiais de Lesões Corporais está a interdição e proibição do Congresso Feminino, organizado pela Organização Feminina de Uberlândia, os processos estudados são decorrência da intolerância empreendida em seu fechamento.

Assim os Processos Criminais emergem não apenas como espaço das autoridades policiais e suas justificativas, eles apresentam também o sentimento da população, como a sociedade uberlandense elabora a presença comunista e feminina na região através dos depoimentos das testemunhas. Percebemos também a posição dos envolvidos, pois assumem perante o órgão policial seus ideais e lutas. Ou seja, os Processos Criminais abrigam diferentes visões sobre um mesmo acontecimento, pois em seu interior constam os depoimentos e as opiniões, em geral, de todos os envolvidos, mesmo que redigido por uma única pessoa ele deixa transparecer em seu decurso a posição de cada inquirido.

Considerações Finais

A História pode ter vencedores a curto prazo, mas os ganhos históricos vêm dos vencidos.

Eric Hobsbawm

As mulheres e suas organizações não são um fim em si mesmas, elas fazem parte de um conjunto, uma sociedade, um tempo, um momento histórico que se contrapõe a outro sempre que olhamos para ele, questionando hoje os acontecimentos de ontem. Esse trabalho se propôs a focar as mulheres, através da Organização Feminina de Uberlândia, e pensar em suas contribuições para o desenvolvimento da sociedade através das tensões e contradições surgidas entre elas e a sociedade da qual fazem parte.

Ainda hoje enfrentamos um grande desafio que é tentar mostrar a História das Mulheres através de sua própria ótica, como ela vê e elabora a construção social da qual faz parte, como Rago⁸¹ nos diz, ainda lidamos muito mais com a construção masculina da mulher do que com sua própria visão sobre si mesma. Portanto, para percebermos as mulheres no espaço público é preciso visualizá-las como integrantes do mesmo, buscando o olhar, a percepção, da mulher sobre a mulher abrindo caminho para que elas mesmas falem sobre si, suas experiências e vivências.

Apesar de pouco mencionada textualmente pelos Processos Criminais e pelos jornais pesquisados a Organização Feminina está presente em vários momentos: na Câmara Municipal, nas agitações sociais, na praça pública exigindo serem ouvidas e respeitadas. A perda da documentação referente a ela em meio a batidas policiais e eliminação não nos impede de discorrer e perceber a presença das mulheres na sociedade através dessa União, evidenciando suas contribuições e lutas que perpassam seu próprio núcleo de atuação.

As mulheres não venceram todas as batalhas, mas abriram caminhos em todos os setores da sociedade, dentro de casa, nos espaços públicos, na política. Os reflexos de tantos anos de luta estão presentes no nosso dia a dia. Não podemos dizer que vivemos em uma sociedade que não discrimina as mulheres, mas com certeza podemos afirmar

⁸¹ RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In. DEL PRIORE, Mary (org). *História das Mulheres no Brasil*. p.579. Contexto, 1997.

que vivemos hoje em um lugar no qual pelo menos podemos ser ouvidas e consultadas para as decisões que nos afetam.

O caminho é longo e gradual cada geração constrói um degrau da escada que um dia talvez nos leve a viver em uma sociedade que, como Dona Olívia sonhava em 1950, vai tratar de forma igualitária homens e mulheres e mais, hoje agregamos a essa busca por igualdade a luta pelo respeito entre as várias vertentes de discriminação que nos rodeia.

Os indícios das lutas femininas estão presentes em todos os movimentos de luta pela liberdade e participação igualitária de homens e mulheres na sociedade. Fazer o Movimento Feminino de Uberlândia emergir em meio aos acontecimentos sociais daquele período foi o grande desafio a que nos propomos uma vez que os documentos referentes a ele não podem ser utilizados coube a tarefa de tentar captá-los em meio aos diversos discursos oficiais.

A lacuna deixada pela falta de documentos escritos sobre a Organização não impede de vermos ainda hoje seus resquícios que junto com os vários movimentos de mulheres são responsáveis pela abertura à discussão do papel da mulher na sociedade contemporânea. Mulheres como Dona Olívia Calábria que abdicaram de uma vida particular em favor de uma determinação pública ou as que mesmo dentro de seus lares souberam impor suas convicções e exigiram serem respeitadas por isso, são essenciais na formação de nossa sociedade.

Nessa tarefa os processos se apresentaram como uma importante fonte de pesquisa constituindo-se um espaço em que a cidade é apresentada com suas contradições e problemas apesar do discurso de cidade ordeira e pacata, mesmo que, claro minimizados, diante de atividades “subversivas” e destoantes dos discursos vigentes. Apresenta também a construção que cada um propõe para seu espaço de vivência para uns a Cidade Jardim, para outros a Pequena Moscou, todas encontrando respaldo nos discursos elaborados.

Não podemos nos esquecer que os Processos Criminais, assim como os Jornais, são produzidos e escritos por indivíduos e que, portanto carregam em si uma boa dose das convicções e determinações do mesmo. Cabe a nós percebermos em seus discursos as “entrelinhas”, o não dito e o deixado em segundo plano, fazendo assim emergir a voz dos relegados a papéis secundários.

Proibido sem mesmo ter se iniciado o Congresso Feminino foi julgado e condenado, não por seu programa e sim pelo seu “suposto” envolvimento com o Partido Comunista e seus representantes locais. Ao determinar o evento como de caráter comunista as autoridades policiais também caracterizaram as atividades da Organização e suas representantes como sendo subversivas.

Subversivas sim, talvez nem todas, mas mulheres que não se contentaram com a situação cotidiana e lutaram para que não só as suas vidas fossem mudadas mais que essa mudança abrangesse o maior número de pessoas possíveis.

Fontes

Reportagens Jornal Correio de Uberlândia – 1946 – 1956, constantes do Acervo do Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

Entrevista concedida por Dona Olívia Calábria a Maria Ribeiro em 24/12/1992, constante do trabalho monográfico: SILVA, Maria Ribeiro da. *“D. Olívia: mulher, idosa e feliz”*. Uberlândia. UFU, 1993.

Entrevista concedida por Dona Olívia Calábria a Carmem Oliveira no primeiro semestre de 2002, transcrita pela autora.

Processos Criminais – nº. 8337 e nº. 9977 constantes do Acervo do GT Violência, CDHIS – Centro de Documentação e Pesquisa em História.

Bibliografia

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo. EDUSP, 1987.

BURKE, Peter. *A Escola dos Annales 1929 – 1989 – A Revolução Francesa da Historiografia*. São Paulo. UNESP, c.1990.

CADERNO ESPAÇO FEMININO, vol. 03. nº. 1/2, 1996. Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de História, Centro de Documentação e Pesquisa em História (CDHIS), NEGUEM.

CADERNO ESPAÇO FEMININO, vol. 04. nº. 04 e 05, 1997/1998. Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de História, Centro de Documentação e Pesquisa em História (CDHIS), NEGUEM.

CADERNO ESPAÇO FEMININO, vol. 12. nº. 15, 2004. Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de História, Centro de Documentação e Pesquisa em História (CDHIS), NEGUEM.

CANDELORI, Roberto. *O EUA e o novo macarthismo*. Especial para Folha de São Paulo, 08/11/2001. www.folha.uol.com.br/folha/educacao, acesso em 13/08/2006.

CASTRO, Dorian E. de; SOUSA, Vera L. Puga e MACHADO, M.C.T. A categoria gênero, cotidiano e cultura: o diálogo com as fontes documentais. In: *Caderno Espaço Feminino*, vol. 07. nº. 7/8, 1999/2000. Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de História, Centro de Documentação e Pesquisa em História (CDHIS), NEGUEM.

CERTEAU, Michel de. Culturas Populares. In: *A invenção do cotidiano*. Rio de Janeiro. Vozes, 1994.

DA MATTA, Roberto. As raízes da violência no Brasil: Reflexões de um antropólogo social. In: *A Violência Brasileira*. São Paulo. Brasiliense, 1982.

DANTAS, Sandra Mara. *Veredas do Progresso em tons altissonantes – Uberlândia (1900 / 1950)*. Uberlândia, UFU. 2001. Dissertação de Mestrado. 167p.

DEL PRIORE, Mary (org). *História das Mulheres no Brasil*. 2 ed. São Paulo. Contexto, 1997.

——— RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade.

——— SOIHET, Rachel. Mulheres pobres e violência no Brasil Urbano.

——— TELLES, Lygia F. Mulher, mulheres.

FAUSTO, Boris. Criminalidade e Controle Social. In: *Crime e Cotidiano*. São Paulo. EDUSP, 2001.

FENELON, Déa R. (org). *Muitas Memórias, Outras Histórias*. São Paulo. Olho d'Água, 2004.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Verdade e Memória do Passado. In: *Projeto História: Revista do Cronograma de Estudos Pós-Graduação em História e do Departamento de História da PUC – SP*. EDUC, 1981.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo. Companhia das Letras, 1991.

GINZBURG, Carlo. "Sinais - Raízes de um Paradigma Indiciário". In *Mitos, Emblemas e Sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. pp.143-179.

HOBBSBAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX, 1914 – 1991*. São Paulo. Companhia das Letras, 1997.

LACERDA, Lílian Maria de. A escrita de voz feminina. In: *Caderno Espaço Feminino*, vol. 07. nº. 7/8, 1999/2000. Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de História, Centro de Documentação e Pesquisa em História (CDHIS), NEGUEM.

LOPES, Valéria M. Q. C. *Caminhos e trilhas: transformações e apropriações da cidade de Uberlândia (1950 / 1980)*. Uberlândia, 2002. 190p.

MACEDO, Elza Dely Veloso. *Ordem na Casa e Vamos à Luta! Movimento de Mulheres: Rio de Janeiro 1945-1964. Lydia da Cunha – uma militante*. Universidade Federal Fluminense, Tese de Doutorado. 298 p.

MACHADO, M C Tomaz. *Cultura popular e desenvolvimento em Minas Gerais: caminhos cruzados de um mesmo tempo (1950 – 1985)*. São Paulo, 1998. Tese de Doutorado. 291p.

MENDEZ, Natalia Pietra. *Do lar para as ruas: capitalismo, trabalho e feminismo*. Disponível em www.fee.rs.gov.br. Acesso em 24/11/2006.

MICHAVO, Yves. O problema das definições. In: *A violência*. São Paulo. Ática, 1989.

NAXARA, Márcia Regina Capelari. O (des) conhecimento do outro: pensando o “provinciano”. In: MARSON, Izabel e NAXARA, Márcia (org). *Sobre a Humilhação: Sentimentos, Gestos, Palavras*. Uberlândia. EDUFU, 2005.

Nova Cultural Ltda. *Nosso Século 1945/1960 – A Era dos Partidos*. Volumes I e II. Editora Nova Cultural – 1980 – 1985. São Paulo, Brasil.

REVISTA ESTUDOS HISTÓRICOS, Rio de Janeiro, vol. 12, n. 22, 1998.

RODRIGUES, Jane de Fátima Silva. *Perfis Femininos: Simbologia e Representação na Sociedade Uberlandense: 1920 – 1958*. USP, 1995. Tese de Doutorado. 407p.

SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: Burke, Peter (org). *A Escrita da História*. São Paulo. UNESP, 1992.

SILVA, Idalice Ribeiro. “Flores do Mal” na Cidade Jardim: Comunismo e Anticomunismo em Uberlândia. Campinas, SP: [s.n.], 2000. Dissertação de Mestrado. 444p.

SOIHET, Rachel. *História das mulheres e relações de gênero: debatendo algumas questões*. www.comciencia.br. Acesso em 01/06/2007.

PAOLI, Maria Célia P. M. Violência e Espaço Civil. In: *A Violência Brasileira*. São Paulo. Brasiliense, 1982.

PIRES, Cecília. *A violência no Brasil*. São Paulo. Ed. Moderna, 1985.

PORTELLI, Alessandro. *A Filosofia e os Fatos, narração, interpretação e significados nas memórias e nas fontes orais*. Rio de Janeiro. Editora Tempo, 1996, vol. 1.

THOMPSON, Edward P. *A miséria da teoria; ou um Planetário de Erros; uma Crítica ao Pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro. Zahar, 1981.

VIANNA, Lucia Helena. Tinta e sangue: o diário de Frida Kahlo e os 'quadros' de Clarice Lispector. In: *Revista Estudos Feministas*, vol. 11, nº. 1. Florianópolis, jan/jun de 2003.